UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia – Bacharelado

DEILSON ALVES DIAS

TERRITORIALIDADES, CULTURA E RELIGIÃO: AS EXPRESSÕES DE PODER DA IGREJA CATÓLICA NO MUNICÍPIO DE CAMPANHA-MG

Alfenas - MG

2022

DEILSON ALVES DIAS

TERRITORIALIDADES, CULTURA E RELIGIÃO: AS EXPRESSÕES DE PODER DA IGREJA CATÓLICA NO MUNICÍPIO DE CAMPANHA-MG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do grau de **Bacharel** em Geografia pelo Instituto de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Alfenas - MG, sob orientação do Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves.

Alfenas – MG
2022

Banca Examinadora

_____
Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves - Orientador

_____
Profª Drª Ana Rute do Vale (UNIFAL-MG)

_____
Prof. Dr. Alexandre Carvalho de Andrade (IFSULDEMINAS)

Alfenas (MG), 12/04/2022

_____
Resultado

Epígrafe

A colonialidade do pensamento e das práticas sobreviveu ao fim do colonialismo, e por meio dela continuamos a fazer um enorme esforço para sermos de "primeiro mundo", para mostrarmos que não somos índios, tendo mais vergonha de nos parecermos com os povos originários do que vergonha do etnocidio que contra eles praticamos. (HAESBAERT, 2005, p. 22)

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe Ana Lucia Ferreira, ao meu pai Denisio Leopoldino, ao meu irmão Daniel Leopoldino, as minhas tias Tiene e Vanila. Todos esses, que formam a base de tudo, sem eles esse trabalho não existiria. Dedico a todos aqueles que conviveram, viveram comigo durante essa estadia em Alfenas, em especial aos amigos que levarei pra vida, Rafael, Tarcísio, Pedrão e André. Também a Jandira! Dedico aos meus amigos campanhenses, em especial: João Pedro, Juninho, Danilo, Lelinha, Carol, João Marcello, Rafa e Alex, que assim como eu, foram criados para seguir a religião católica, mas por vias do destino não aceitaram essa imposição. Dedico por fim a todos os campanhenses que carecem de mais estudos geográficos que representam sua realidade.

Agradecimento

Agradeço em um primeiro momento a instituição que me deu a oportunidade de estudar em uma faculdade pública, com ensino de extrema qualidade, obrigado UNIFAL. Agradeço também ao corpo docente da Geografia pela atenção e carinho ao longo desses anos, quanto amor vocês tem por ensinar, quanta força vocês têm pra continuar firme na luta por um mundo mais justo e melhor, eterna admiração! Agradeço em especial o professor Flamarion, que vem me orientando, não só no tcc, mas trajetória acadêmica, muito obrigado pela parceria e apoio, sempre lembrarei de você.

Não posso deixar de fora, a minha família de alfenas, a família SóNarquia, quantas pessoas passaram pela minha vida por intermédio da república, que lugar ótimo de se morar! Agradeço em especial a Jandira, mulher que cuidou de mim como se eu fosse um filho, sem ela essa estadia em Alfenas seria muito mais difícil.

Agradeço aos meus amigos, em primeiro lugar ao meu companheiro de caminhada, que encarou comigo kilometros e kilometros de chão para tirar as fotos desse trabalho, o meu grande obrigado juninho! Agradeço ao João Pedro, querido amigo, irmão e camarada, quanto tempo de estrada juntos, não havia como deixá-lo fora dessa. Obrigado aos demais, Danilo, Lelinha, Carol, Alex, Rafa e João Marcello espero ter a amizade de vocês pro resto da vida, estamos juntos!

Por último, e mais importante, obrigado a minha família, minha mãe, Ana Lúcia, o meu pai Denisio, a minha madrinha Tiene, a minha tia Vanila, vocês são a base de tudo, agradeço todos os dias por ter ganho na loteria da vida e ter nascido na família de vocês. Agradeço também ao meu irmão Daniel, que no momento em que estou escrevendo esses agradecimentos passou na UFLA e poderá desfrutar de um ambiente público e diverso de ensino, parabéns e obrigado Dani.

Resumo

Neste trabalho busca-se analisar as representações de poder da igreja católica em Campanha - MG, explicando a expansão e manutenção do território sagrado no município. Uma herança histórica, o poder da instituição tem a capacidade de criar e centralizar territórios através das territorialidades, toponímias e geossímbolos num geral. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, baseando-se em pesquisa teórica norteadora da proposta escolhida, análise e levantamento de dados dos últimos censos do IBGE, trabalho de campo e confecção de mapas representativos. Nos resultados verificou-se que, em Campanha - MG, o território sagrado começou a ser construído na chegada do ouvidor Cipriano José da Rocha, século XVI, que ao descobrir o núcleo de povoamento, mandou instalar praça e igreja em nome do governador da capitania. Entretanto, foi no século XX que o município ganhou centralidade religiosa, com a instalação e estruturação da diocese e a vinda do colégio SION. A vinda tanto da diocese quanto do colégio, tem forte influência das elites política e agropecuária local, que conferiam ao município grande destaque regional, motivo de atração de pessoas. Com o passar dos anos, a centralidade regional exercida por Campanha se definhou, mas as heranças do sagrado persistem e podem ser vistas através das posses e dos geossímbolos, referentes à instituição católica. Ao se analisar espacialmente essas posses de imóveis, toponímias e geossímbolos fica claro a centralidade exercida pelo sagrado no município, ocupando uma grande parcela do centro econômico e cultural do município, onde a vida cotidiana acontece.

Palavra-chave: Poder, Igreja Católica, Território, Territorialidades, Toponímias.

Abstract

This work seeks to analyze the representations of power of the Catholic Church in Campanha - MG, explaining the expansion and maintenance of the sacred territory in the municipality. A historical heritage, the power of the institution has the ability to create and centralize territories through territorialities, toponyms and geosymbols in general. The methodology used was of a qualitative nature, based on theoretical research guiding the chosen proposal, analysis and data collection from the latest IBGE censuses, fieldwork and making representative maps. In the results, it was found that, in Campanha - MG, the sacred territory began to be built on the arrival of the ombudsman Cipriano José da Rocha, in the 16th century, who, upon discovering the settlement nucleus, ordered the installation of a square and church in the name of the governor of the captaincy. . However, it was in the 20th century that the municipality gained religious centrality, with the installation and structuring of the bishopric and the arrival of the SION College. The arrival of both the bishopric and the college was strongly influenced by the local political and agricultural elites, which gave the municipality great regional prominence, a reason for attracting people. Over the years, the regional centrality exercised by Campanha has waned, but the heritage of the sacred persists and can be seen through the possessions and geosymbols, referring to the Catholic institution. When spatially analyzing these real estate possessions, toponyms and geosymbols, it is clear the centrality exercised by the sacred in the municipality, occupying a large part of the economic and cultural center of the municipality, where everyday life takes place.

Keywords: Power, Catholic Church, Territory, Territorialities, Toponymies.

Lista de ilustrações

Figura 01 –Localização do município de Campanha-MG..... 15
Figura 02 – Extensão do termo da vila da Campanha da Princesa – 1800. 21
Figura 03 – Regionalização, níveis de desenvolvimento e centralidade urbana Minas Gerais - década de 1830. 22
Figura 04 – Centralidade exercida pelo município nos séculos passados 23
Figura 05 – Placa em comemoração à diocese cravada em um obelisco no centro geográfico da cidade..... 33
Figura 06 – Localização das representações de poder da igreja no município de Campanha - MG, 2022..... 45
Figura 07 – Mapa das igrejas, santuários e oratórios em Campanha-MG, 2022..... ..47
Figura 08 – Catedral de Santo Antônio em Campanha-MG..... ..49
Figura 09 – Parceria com o poder público e igreja na inauguração do caminho da fé, no morro do Cruzeiro, Campanha-MG..... 50
Figura 10 – Inauguração da pavimentação da Rua Monsenhor Osório, uma toponímia. Representação da parceria poder público e Igreja Católica..... 50
Figura 11 – Figura 11 - Estátuas de Beata Nhá Chica e Beato Pe. Victor no morro do cruzeiro..... 51
Figura 12 – Procissão em homenagem a São Cristóvão, Caminhão com a imagem do santo na frente e as motos na sequência..... 52
Figura 13 – Mapa das Toponímias no município de Campanha, 2022..... 53
Figura 14 – Toponímia Dom Inocêncio e Padre Natuzzi..... 53
Figura 15 – Toponímias em escolas do município de Campanha - MG 55
Figura 16 – Externato Nossa Senhora de Lourdes, toponímia..... 55
Figura 17 – Mapa com as representações do poder catolico na parte central da cidade 56
Figura 18 – Logo ao lado da porta dos irmãos do sagrado coração..... 57

Lista de tabelas

Tabela 01 – Número absoluto de batizados por década Campanha – Baependi – Aiuruoca ..24
Tabela 02 – População livre e escrava dos termos de Campanha e Baependi (181-1833).....24
Tabela 03 – Estrutura de posse de escravos em Campanha (1802 – 1865)..... 25
Tabela 04 – Número de proprietários por tipo de unidade produtiva..... 26
Tabela 05 – Produção agrícola e criação de animais nas unidades produtivas do termo de Campanha (1802 – 1865) ……... 27
Tabela 06 – Classificação das fortunas (em contos de réis), nos inventários com 20 escravos ou mais – Campanha (1803 – 1850) ……..... 28
Tabela 07 –Tabela 07 - Classificação das fortunas (em contos de réis), nos inventários com 20 escravos ou mais – Campanha (1831 – 1850)..... 28
Tabela 08 – Classificação das fortunas (em contos de réis), nos inventários com 20 escravos ou mais – Campanha (1851 – 1865) ……..... 28
Tabela 09 – Composição da riqueza em porcentagem, nos inventários de Campanha – (1803 – 1865) ……..... 29
Tabela 10 – Evolução do número populacional do município de Campanha - MG, 1970-2021 ……..…..... 35
Tabela 11 – Porcentagem da população residente do município de Campanha - MG por sexo entre 1970-2010……..... 35
Tabela 12 – Porcentagem da população do município de Campanha - MG de acordo com a cor ou raça de autodeclaração ……..... 36
Tabela 13 – Porcentagem da população adepta das principais religiões do município de Campanha - MG, 2010 ……..…..... 37
Tabela 14 – Tipologia e área dos estabelecimentos agropecuários de Campanha-MG, 2017 ……..... 38

Lista de gráficos

Gráfico 01 – Gráfico 1 – Pirâmide etária da população de Campanha – MG, 2010 ……..… 36
Gráfico 02 – Uso e ocupação do solo de Campanha – MG (181-1833) ……..…...38

Sumário

Lista de ilustrações.....09
Lista de tabelas.....10
Lista de Gráficos 11
1 INTRODUÇÃO.....13
1.1 Materiais e Métodos …….....……...15
2 BREVE HISTÓRICO E FORMAÇÃO TERRITORIAL DE CAMPANHA - MG …….....19
2.1 Breve Histórico 19
2.2 Centralidade Econômica, Latifúndio e escravidão 23
2.3 Diocese, Seminário e Colégio Sion: a presença da igreja católica como um retrato da modernidade e da sociedade urbanizada 30
2.4 Caracterização socioeconômica e cultural atual do município 35
3 TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES, TOPONÍMIA E PODER 39
4 AS REPRESENTAÇÕES DO PODER DA IGREJA CATÓLICA NO MUNICÍPIO 45
4.1 A espacialização do poder da igreja católica no território urbano de Campanha - MG …….....45
4.2 Igrejas, Santuários e Oratórios 46
4.3 As Toponímias …….....52
4.4 A Centralidade das expressões do poder da igreja católica no território urbano de Campanha - MG 56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS …….....59
REFERÊNCIAS.....61
ANEXOS.....64

1 INTRODUÇÃO

Percebe-se no Brasil uma ligação muito forte com a fé, basta adentrarmos o espaço urbano ou rural das cidades para notarmos essa relação na paisagem. A religião que mais abrange a população é a católica apostólica romana, só na mesorregião sul e sudoeste de Minas segundo dados do recenseamento demográfico aplicado pelo IBGE em 2010 e atualizado em 2012, existem de um total de 2.438.611 mil habitantes, 1.919.534 mil adeptos da religião católica apostólica romana o que representa 78,7% da população da região. Advindo do processo de colonização, esse fato é uma herança histórica e colabora para hábitos característicos em cidades onde há forte ligação entre o poder público e a religião, como por exemplo a nomeação de praças públicas em homenagem a clérigos, o que concretiza territorialidades da religião e manifesta relações de poder.

Pereira (2008) nos diz que a religião e a igreja são esferas inseparáveis, através de seu conjunto de doutrinas e bens, detém uma estrutura hierárquica de poder, sendo este "classificado como poder simbólico que interage com outras formas de poder" (PEREIRA, 2008, p.84). É essa troca de bens simbólicos que impulsiona o exercício desta modalidade de poder, modificando o espaço e criando territorialidades. Assim podemos compreender a religião sendo um dos aspectos fundamentais da cultura e agente modificador de territórios.

Desse modo, este estudo tem como objetivo geral analisar os territórios do sagrado, construídos ao longo do tempo no Município de Campanha - MG, por meio das paisagens simbólicas visíveis e fixas, numa tentativa de evidenciar como se deu a expansão do sagrado no município. Tendo como objetivo específicos, abordar a territorialidade da Igreja Católica no município através dos geossímbolos fixos, tendo em vista que a alçada das festividades já foi abordada por Bonassi (2016) em seu trabalho de conclusão de curso.

Entende-se aqui que o sagrado pode ser conferido a um determinado espaço ou território, daí a dicotomia expressada por Raffestin (1993) e Rosendahl (2005) que dividem o espaço em sagrado e profano. Já sua manifestação pode se dar através de um objeto, um símbolo, que aqui trataremos como geossímbolo. Bonnemaison é um autor que expressa bem o que são os geossímbolos, em suas palavras "é uma forma de linguagem, um instrumento de comunicação partilhado por todos e, em definitivo, o lugar onde se inscreve o conjunto da visão cultural" Bonnemaison (2002, p.124).

Assim, analisar o território sagrado significa reconhecê-lo como produto histórico cultural, que está em constante processo de modificação, se manifestando como espaços de

poder apropriados por determinado grupo que o modifica e modifica suas práticas, mas se prolonga no território.

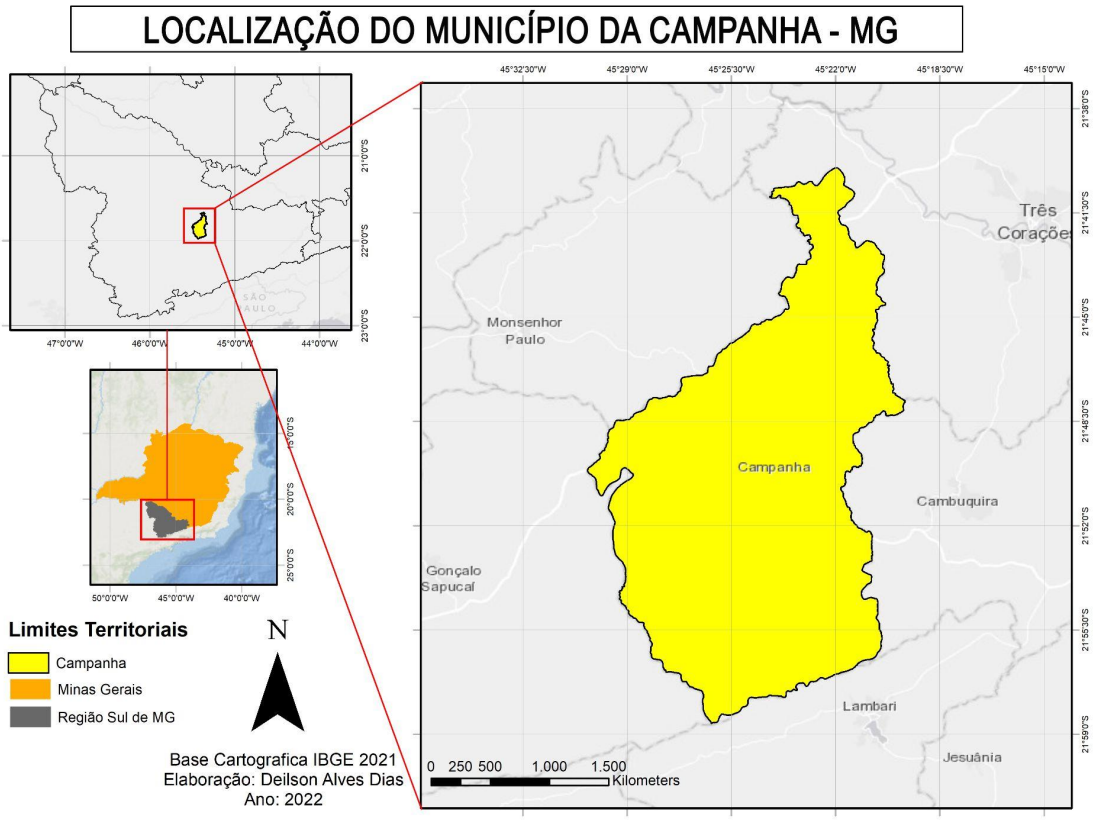
Através do contexto histórico, procuramos explicar a espacialização do sagrado no território urbano campanhense, que se manifesta como marco profundo de sua cultura. Busca-se com isso, também analisar a técnica de empoderamento do território por parte da igreja, exercendo relações de poder, manifestando-se como agente, atuando como um agente centralizador no território. Tendo em vista que a presença da instituição católica é destacada no Sul de Minas Gerais, seja como agente formador da cultura ou tendo presença crucial na origem dessas cidades, a igreja se uniu ao poder público durante o desenvolvimento da cidade e atuou como agente promotor de poder e territorialidades.

O estudo realizado é pautado no desenvolvimento do território urbano, e também de abordagem da Geografia Cultural, uma vez que esse campo de estudo abrange análises de manifestações culturais, religiosas e sociais, sendo o fenômeno religioso, através da dimensão simbólica e cultural, capaz de exercer poder e transformar esse território. No caso do município de Campanha – MG, é destacado, a forte presença da religião católica, sendo, sede de uma das 3 dioceses que se localizam na mesorregião sul e sudoeste de Minas. Rosendahl (2005) reconhece 3 níveis de gerenciamento do sagrado que formam uma hierarquia em rede, ligando o local com o global, a autora põe a instância da diocese no segundo nível hierárquico, conotando a ela a característica de território religioso eficaz e presente no processo de regulação e religiosidade de toda uma região.

Portanto esse trabalho objetiva a compreensão de como se dá a influência da religião católica apostólica romana, na formação do território campanhense ao longo dos anos, assim como também, entender de que maneira o poder público explora essas territorialidades em benefício do desenvolvimento municipal através do turismo religioso. É fundamental, o entendimento da real dimensão do poder, exercido por esse agente, já que, a territorialidade que se constitui acerca da religião, mostra-se, como principal característica cultural da cidade e é um de seus grandes portfólios regionais.

A área de estudo diz respeito à mais antiga cidade do Sul de Minas Gerais, se encontra localizada especificamente na mesorregião Sul e Sudoeste de Minas (Figura 01). O município possui área de 335,587 km², é cortado pela rodovia Fernão Dias e rodovia Vital Brasil, são essas duas rodovias que ligam o município às principais capitais do sudeste do país, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Sua economia é fortemente dependente do agronegócio, sendo o café e a ponkan os principais produtos comercializados.

Figura 01 - Localização do município de Campanha-MG.



Elaboração: Autor

1.1 Materiais e métodos

A pesquisa foi desenvolvida seguindo uma abordagem qualitativa, elaborada através de pesquisa bibliográfica acerca do assunto, resgate do contexto histórico do município a fim de se obter dados importantes e utilizar referências para a produção deste trabalho. Este estudo tem como fonte a área da geografia cultural, e segue uma linha ainda pouco explorada na cidade estudada, há pouco conhecimento científico apurado ou sistematizado, por isso esse estudo seguiu uma tipologia exploratória, visto que tem como objetivo "proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses." (GIL, 2003, p. 41).

Em um primeiro momento se realizou uma revisão bibliográfica para que o autor pudesse se sintonizar com o tema a ser estudado. Apesar do conhecimento empírico adquirido ao longo da vida, por ter crescido e vivido na cidade de Campanha - MG, fez-se necessário o fundamentação a partir de uma pesquisa realizada pelo pesquisador Igor Rafael Pernambuco

Bonassi (2016) que também se interessou pela pesquisa acerca da religião católica no município, a investigando como ator na formação do território, da cidade de Campanha-MG.

Em um segundo momento a revisão bibliográfica se embasou em autores como Claude Raffestin e José Carlos Pereira, que permitiram decifrar melhor o conceito de poder, e a relação deste com a religião, levando ao entendimento do poder simbólico que representa a igreja e como se dá a interação deste com outras instâncias. Fez-se uso de: Haesbaert (2004), Santos (1999), Suertegaray (2001), Giménez (2000), Souza (2001), Saquet (2009) Bonnemaison (2002), Rosendal (2002) e (2005), que nos trazem clareza sobre conceitos como território e territorialidade elucidando a estratégia de ocupação e criação de territórios.

Também foi necessário explorar conceitos como cultura, e como ela se constrói e manifesta nas comunidades. O interesse por entender como a cultura dos países coloniais, que tiveram seus povos originários quase extinguidos, se iniciou com o livro de Haesbaert (2006) que nos mostra os efeitos do período colonial e da formação do estado nação no que ele chama de "des-ordem" mundial. Tendo um melhor conhecimento deste assunto, buscou-se entender como se deu a ocupação do território Brasileiro por parte dos portugueses e os efeitos e heranças dessa ocupação, para isso se utilizou de Moraes (2008). Em seguida buscou-se a conceituação quanto às toponímias, tema que ganhou visibilidade nos estudos mais contemporâneos, foram usados os autores: Chueca (2010), Faggion e Misturini (2014), Isquierdo (1997) e Claval (2007). Ao entender o como as Toponímias estão relacionadas com a cultura, sentimento e a identidade de um povo, surgiu o interesse de se entender como se dava a relação do ser com o meio na qual está inserido, o sentimento que a paisagem e o lugar provocam, para tal foi necessário a leitura de Tuan (1980), que abriu as portas para o entendimento quanto ao colono quando adentrou as terras selvagens indígenas recém descobertas e sua necessidade de transformar aquele ambiente em algo que promovesse um sentimento de segurança, de familiaridade, um dos motivos da inserção da religião católica nas terras recém "descobertas" do ocidente.

Em um terceiro momento, fez- se necessário compreendermos como se deu a origem do povoamento do município no século XVII e seu desenrolar durante os séculos XVIII, XIX e XX, utilizou-se Chaves (2013) que abrange a criação das vilas em Minas Gerais, assim como: Araújo (2012; 2016) historiadora que relata as origens do município e como esse se desenvolveu, chegando a vila, adquirindo centralidade e se configurando como polo na região nos séculos XVIII e XIX. Outro autor utilizado neste contexto foi Morais (1988), que faz um recorte de memórias da cidade, onde foi possível encontrar listado nome de ruas, igrejas,

praças e estabelecimentos no geral, desde os primórdios da cidade até os dias mais recentes. Thalita de Oliveira Casadei e Antônio Casadei que fizeram um amontoado com os resgates históricos contidos nos arquivos da diocese campanhense, e trazem a história da cidade abordando a criação da vila da Campanha e como a cidade se portou diante de acontecimentos como a abolição da escravidão e a intituição da república.

Após essa conceituação, e a constatação da centralidade exercida pelo município no passado, fez-se necessário buscar entender o contexto histórico na qual se instalaram no município duas das maiores representações da igreja católica no município, a diocese e o colégio sion, tendo em vista a peculiaridade dessas duas instituições.

Realizou-se um trabalho de campo, ao longo de 2021 e início de 2022 para a retirada de fotos das Igrejas, capelas, e toponímias, também com o intuito de coletar a localização desses geossímbolos a fim de se produzir um mapa representativo dessas territorialidades. Os mapas foram confeccionados com o auxílio do Google Earth Pro. Para isso utilizou-se a tese de doutorado de Balbino (2018), que estudou o ultramontanismo e a participação da igreja católica na educação no sul de Minas. Ao se constatar a participação da elite agrária e política na instalação dessas instituições no município, fez-se necessário a caracterização destas, assim como entender os processos que levaram à formação dessa “alta sociedade”. Para tal, foi fundamental o livro escrito por Andrade (2014) que, ao estudar as elites sul mineiras, fez inventários listando as posses e as produções dos fazendeiros da época em que o sul de Minas abastecia a então capital Rio de Janeiro. Neste contexto também utilizou-se Marcolino (2016) que estudou o sentimento e a vontade da população campanhense no século XIX e XX de ser moderna, em um período de transição do rural para o urbano, a cidade ganha importância, assim como a vontade da população de poder experimentar as incursões da modernidade que chegavam junto às informações da capital, foi quando notou-se a importância da linha férrea na transmissão dessas informações quanto a modernidade urbana que se iniciava no Brasil. Para elucidar a importância das linhas férreas utilizou-se de Corrêa (1997) e Castilho (2012).

Outro momento importante da pesquisa se deu durante o estágio obrigatório realizado no Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais (GERES), no ano de 2021, onde o autor teve a oportunidade de fazer uma análise, inventário e tratamento de dados demográficos e socioeconômicos da Região Imediata de Três Corações - MG, da qual o município de Campanha - MG faz parte. Foram obtidos dados como: crescimento populacional ao longo dos últimos censos demográficos, população residente por sexo, faixa etária, população de acordo com a raça e cor de autodeclaração, a religiões da qual a população é adpta. Dados

estes disponíveis na plataforma SIDRA do IBGE e referentes aos últimos Censos demográficos. Foram utilizados também dados referentes à ocupação e uso do solo, encontrados na plataforma IMRS da Fundação João Pinheiro e a tipologia e área dos estabelecimentos agropecuários disponibilizados pelo Censo Agropecuário de 2017. Essa etapa foi importante pois permitiu que se fizesse uma caracterização mais atual do município, permitindo relacionar características atuais com heranças do passado, mostrando que muitas particularidades ainda persistem desde a origem do município.

Após toda a conceituação teórica e o levantamento de dados, foi realizada uma lista com as expressões do poder da igreja católica no município de Campanha - MG, para tal foi necessária uma pesquisa no centro cultural para que se pudesse listar todas ou pelo menos a maior parte das capelas, oratório e santuários presentes no território urbano da cidade. Outra parte se deu junto a prefeitura e a secretaria de planejamento urbano, na obtenção dos nomes e localização das ruas toponímicas, assim como os nomes de todas as praças do município. Os nomes dos equipamentos urbanos (escolas) já eram de conhecimento do autor. Após a listagem , realizou-se a confirmação da existência e a localização exata dessas representações, em um primeiro momento pelo *Google Earth Pr*o, e em um segundo momento pela visita de campo nas localidades, com o intuito também de tirar fotos para representação.

Após a checagem dos pontos, verificou-se a necessidade da confecção de mapas para melhor representar aonde essas expressões do poder se especializam. Essa etapa se deu pela marcação dos pontos utilizando mais uma vez o *Google Earth Pro*, e na sequência a elaboração de legendas, títulos e mapa de localização através do *Photoshop CS6*. Visto que o intuito principal é a representação visual e não a localização exata dos objetos representados, acredito que a utilização desses programas foi suficiente. E por último foi realizada a escrita da pesquisa englobando todas as informações levantadas nas etapas anteriores.

2. BREVE HISTÓRICO E FORMAÇÃO TERRITORIAL DE CAMPANHA –MG

2.1 Breve Histórico

Nos estudos de formação territorial, é fundamental reconhecer o papel histórico que as cidades desempenharam ao longo do tempo, como também o contexto de formação territorial da região a qual estão inseridas. É a partir das heranças do passado que podemos reconhecer as circunstâncias que levaram as cidades a se tornarem o que são hoje. Assim, trata-se, não apenas de compor um roteiro histórico, mas sim, de construir a base de análise necessária para essa pesquisa.

Campanha, quase como um consenso, é tida como o "berço do sul de Minas", afinal em seus primórdios a localidade possuía um território que compreendia quase todos os municípios do que hoje é conhecido como Região Sul de Minas, fazendo divisa com São Paulo (ARAUJO 2016). O povoamento da região se deu pelas incursões dos bandeirantes paulistas em busca de metais preciosos nas primeiras décadas do século XVIII, no que era genericamente chamado de "Sertões do Rio Verde" ou apenas "Minas do Rio Verde" (ANDRADE 2014). Com a descoberta de aluviões e veios auríferos mais bandeirantes foram chegando e o povoamento da região cresceu empurrando a boca do sertão cada vez mais para longe (CASADEI e CASADEI 1989). As Minas do Rio Verde, descobertas pelos pioneiros se mantiveram na clandestinidade até 1737, quando as notícias sobre as riquezas da região começaram a chamar a atenção das autoridades da época, foi então que uma expedição militar, dirigida pelo 5° ouvidor da comarca do Rio das Mortes, proveniente da vila de São João del-Rei, Cipriano José da Rocha, foi ordenada com o objetivo de reconhecer a região e tomar posse do território em nome do Rei (ANDRADE 2014).

Ao se analisar a história de Campanha, há o consenso em se considerar, como sua data mais recuada, a de 2 de outubro de 1737, tendo como fonte a carta datada de 4 de outubro do mesmo ano escrita pelo ouvidor Cipriano José da Rocha endereçada ao governador da capitania (CASADEI e CASADEI 1989), onde o ouvidor destaca os feitos de sua jornada, relata admiração com as belezas da região e comunica ter escolhido ele próprio todos os sítios para a formação de um arraial ao qual denominou de Arraial de São Cipriano, onde o mesmo ordenou a construção de um rancho para si, ruas, praça, casa de fundição e naturalmente uma igreja. Além de pleitear, que em breve seria necessário fazer

do arraial vila, a fim de que não se sucedesse irregularidades como em outras vilas das Minas (ARAUJO 2016).

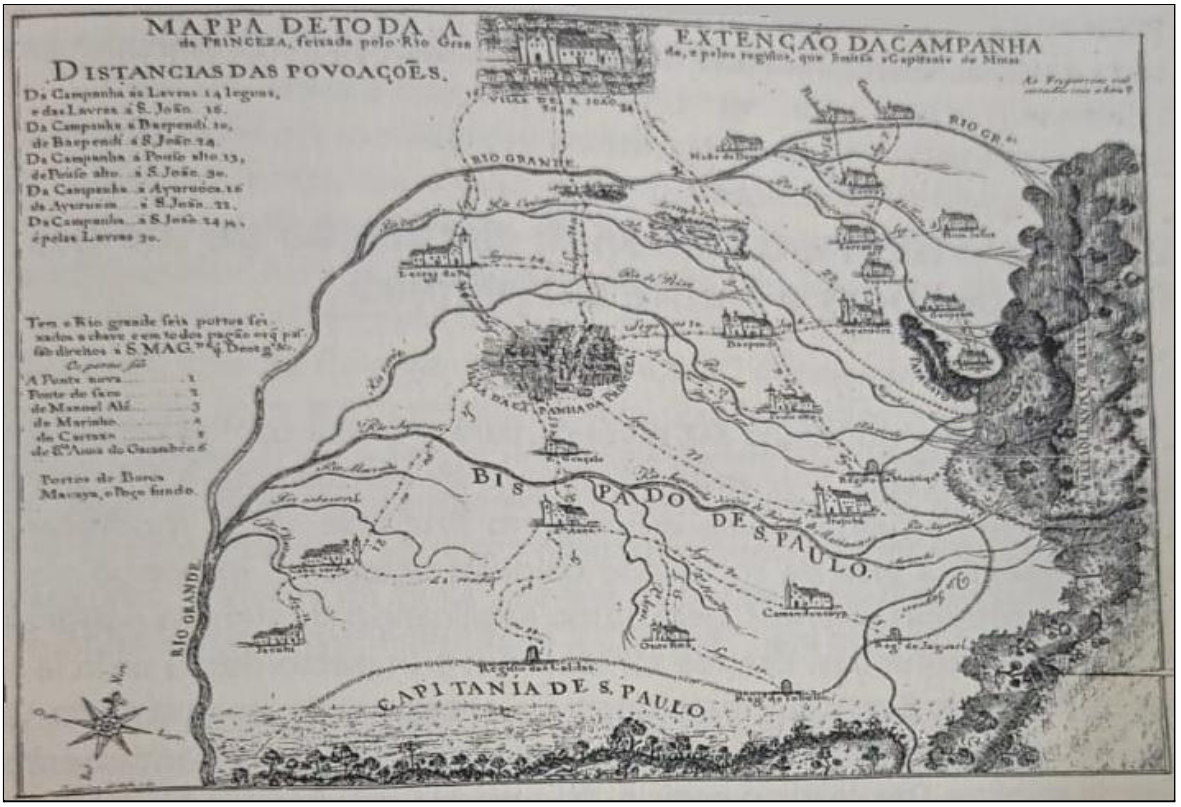
A denominação dada pelo ouvidor ao local não permaneceu, assim que retornou a São João del-Rei, o nome voltou a ser “Campanha do Rio Verde”. Em 1739 se construiu a primeira capela e logo em seguida foi criada a freguesia pelo bispado do Rio de Janeiro, nomeada de Santo Antônio do Vale da Piedade da Campanha do Rio Verde (ARAUJO 2016). Segundo Casadei e Casadei (1989) Santo Antônio era muito venerado pelos Portugueses e a forte presença dos lusitanos na região fortaleceram essa homenagem. Nos dias atuais o santo Padroeiro da cidade permanece sendo Santo Antônio, uma herança de seu passado ligada aos Colonizadores lusitanos.

Acredita-se que a motivação maior para a criação da freguesia era integrar o território junto à coroa Portuguesa, tendo como objetivo a cobrança do quinto, tributo cobrado pela coroa que na época correspondia a 20% do total de minério extraído (ARAÚJO 2012). No ano de 1742 com o sucesso do povoado, não muito demorou para que a região atraísse um contingente notável de pessoas que se esforçaram junto a Irmandade do Santíssimo Sacramento para construir a primeira igreja matriz, é ao entorno dessa matriz que a freguesia irá se desenvolver (BALBINO, 2018). Após 20 anos da criação da freguesia foi construída a edificação da Igreja de nossa senhora do Rosário colocada no ponto mais alto da cidade, foi construída com a contribuição dos fiéis e o suor dos escravos (MORAIS 1988), um pouco irônico ao se tratar da “igreja da devoção dos pretos” (MORAIS, 1988, p. 47)

No final do século XVIII, os mais influentes moradores do arraial, que segundo Balbino (2018) eram suas lideranças políticas e religiosas, passaram a pleitear a criação da Vila da Campanha, eram inúmeros os motivos, entre eles, o crescimento da população que já passava de oito mil habitantes, o desenvolvimento econômico da região e distância de 25 léguas de São João del-Rei, vila com a câmara mais perto (ARAÚJO 2016). Entretanto, a criação da Vila da Campanha não agradava a câmara de São João del-Rei, pois “significava perda de uma vasta parte de seu território e também a diminuição da receita provinda de lojas e bens, bem como da criação do gado” (ARAÚJO, 2016, p. 151). A região que formaria o Termo de Campanha compreendia as freguesias mais populosas e uma extensa área em terras, além do próprio arraial de Campanha, Lavras do Funil. Baependi, Pouso Alto, Santana do Sapucaí, Camanducaia, Ouro Fino, Itajubá, Cabo Verde e Jacuí, formariam o termo da Vila (ARAÚJO 2016).

A fim de superar a resistência criada pela câmara de São João del-Rei, os moradores mais influentes e com ótimo tato político solicitaram a criação da vila como forma de homenagear duplamente a esposa do príncipe regente D. João VI, nomeando a vila de "Campanha da Princesa" e separando a terceira parte das rendas auríferas anuais recebidas pela câmara para enviar à princesa. Foi então que em 20 de outubro de 1798 por alvará, D. Maria I concede título de Vila a Campanha, denominando-a de "Vila da Campanha da Princesa" (ANDRADE 2014). Em 1800 foi feita a demarcação do termo tendo seu território constituído por todo o sul de Minas, tendo o rio Grande como limite natural. Ao todo, hoje em dia mais de 160 municípios ocupam o que era tido como seu território original (ARAÚJO 2012).

Figura 02: Extensão do termo da vila da Campanha da Princesa – 1800.



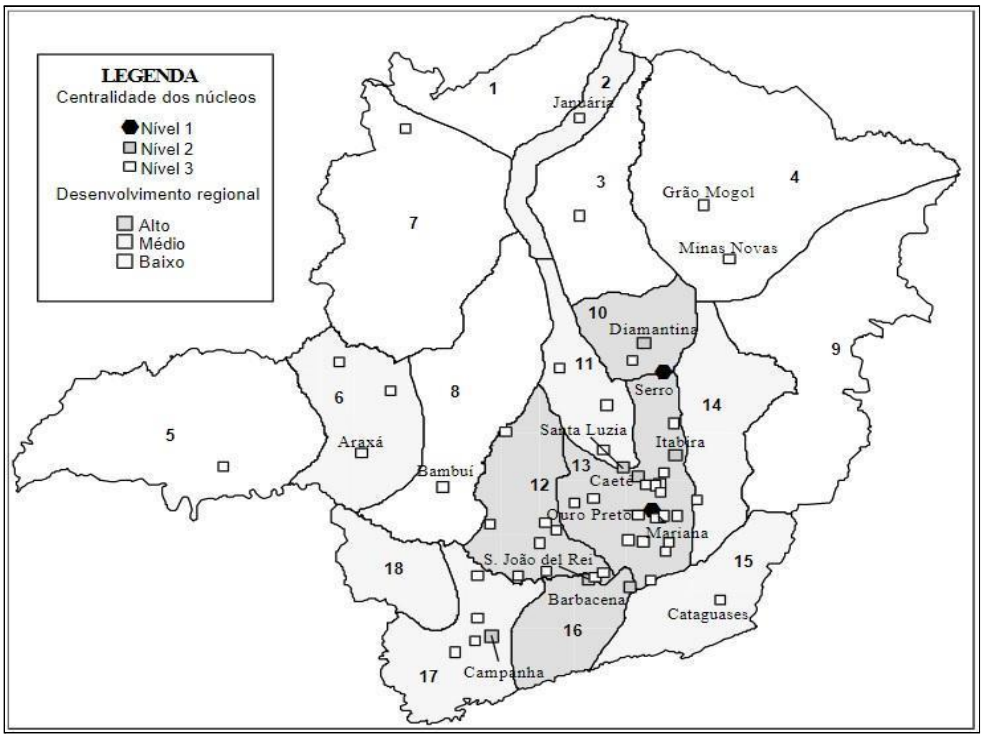
Fonte: AUH – Cons. Ultramarino/ Brasil – Códice n° 2.166 apud Andrade, 2014, p.39.

Chaves (2013) nos traz dois contextos principais para a criação de vilas nos tempos coloniais, o primeiro diz respeito a reafirmação do poder do governo português no território, motivados pelas descobertas auríferas que proliferavam e a consolidação de núcleos urbanos nas primeiras décadas do século XVIII. O segundo contexto, diz mais respeito ao caso de Campanha, e estava relacionado com a transição da atividade

econômica principal de certos núcleos, de mineração para agropecuária, e vai de encontro com o que nos relata Andrade: "O crescimento econômico e demográfico e a defesa dos interesses de alguns "homens bons" daquela área foram os motivos centrais da reivindicação e suas origens remontam à Inconfidência Mineira" (ANDRADE 2014, p. 40).

Com a derrocada da mineração, a Vila da Campanha teve seu setor econômico reinventado pelas elites locais, e se constituiu como importante localidade regional, como mostra a figura 02 alcançando o segundo maior nível de centralidade urbana, ficando atrás apenas de Ouro Preto e Serro. Seu auge econômico foi no começo do século XIX, tendo sua economia baseada nas grandes fazendas que desenvolveram atividades agrícolas e agropecuárias, principalmente para abastecer a então capital da época e centro urbano mais próximo, o Rio de Janeiro (ARAÚJO 2012).

Figura 03: Regionalização, níveis de desenvolvimento e centralidade urbana Minas Gerais - década de 1830.

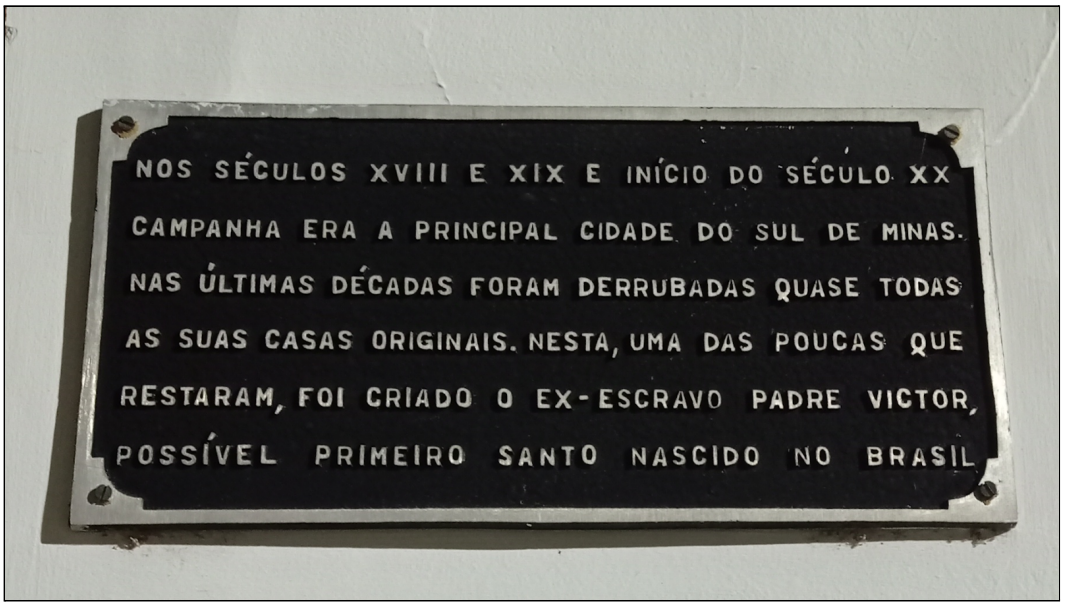


Fonte: (RODARTE, 2007, p.8) Marcelo (et all). O urbano precocemente delineado: notas sobre o significado demográfico e econômico do urbano e do rural em Minas Gerais. In: Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Belém, Pará, 2007. p.8.

Conforme se observa na figura 02, os predomínios de núcleos urbanos seguirão o "caminho do ouro", e a organização espacial dar-se-á em cidades com importância nesse período. Desse modo, a Campanha ganhou importância no século XVIII após o período

aurífero e foi se destacando na economia agropecuária para abastecimento da população regional.

Figura 04: centralidade exercida pelo município nos séculos passados



Fonte: Autor, março de 2022

2.2 – Centralidade Econômica, Latifúndio e escravidão:

Marcolino (2016) retrata um intenso crescimento demográfico na comarca do Rio das Mortes no começo do século XIX, sendo Campanha um dos principais centros urbanos da comarca. Esse crescimento é atestado por Andrade (2014), que ressalta o crescimento demográfico da freguesia já a partir da metade do século XVIII, o autor utiliza uma tabela de número de batizados da época para representar esse ocorrido. Como são difíceis de encontrar dados estatísticos populacionais para a época, uma das formas de se constatar o aumento populacional foi criando uma relação com o aumento do número de batizados na comarca. Como podemos ver na tabela (x) há um aumento considerável no número de batizados na primeira década do século XIX, quase que dobrando o número de batizados da última década do século XVIII.

Tabela 01 – Número absoluto de batizados por década Campanha – Baependi – Aiuruoca

Décadas	n°	%
1741 - 1750	270	2
1751 - 1760	1.116	7
1761 - 1770	1.685	11
1771 – 1780	2.299	15
1781 - 1790	2.568	16
1791 - 1800	2.731	17
1801 - 1810	4.977	31

Fonte: ANDRADE, 2014, pág. 42

Outros dados populacionais disponíveis da comarca datam do ano de 1824 e mostram Campanha como uma das freguesias mais populosas da comarca com 8.788 habitantes, atrás somente de Pouso Alto (13.516) e Aiuruoca (11.484). Credita-se esse aumento populacional ao maior dinamismo adquirido pela comarca principalmente no setor econômico que tinha como foco atividades voltadas para o abastecimento interno e de ligação mercantil com a Corte, especialmente a produção do café que contava com inúmera mão-de-obra escrava, como podemos ver na tabela 01 (ANDRADE, 2014).

Tabela 02 – População livre e escrava dos termos de Campanha e Baependi (181-1833).

Ano	Área	Livres		Escravos		Total
		N°	%	Nº	%	
1821	Campanha	29.317	75	9.595	25	38.912
	Baependi	19.012	64	10.523	36	29.535
1832	Campanha	19.667	65	10.673	35	30.340
	Baependi	10.199	56	7.987	44	18.186
1833	Campanha	25.130	69	11.335	31	36.465
	Baependi	26.240	60	17.767	40	44.007

Fonte: ANDRADE, 2014 p. 45

Como podemos ver na tabela 02 houve um aumento significativo no número de escravos no começo do século XIX, principalmente em virtude da expansão das atividades agropecuárias. Andrade afirma que:

> Embora os escravos não ultrapassem 30% total da população da vila, destoando do restante dos municípios da província, cerca de 46% eram de origem africana e representavam 14% da população dos habitantes do município. Este percentual é característico de regiões onde predominava a "grande lavoura" e a produção voltada ao mercado internacional. (ANDRADE, 2014, p. 47)

Tabela 03 – Estrutura de posse de escravos em Campanha (1802 – 1865)

Faixas de escravaria	**N° de proprietários**	**%**	**N° de escravos**	**%**
1 a 5	222	44	611	12
6 a 19	216	43	2.189	42
20 ou mais	64	13	2.357	46
total	499	100	5.157	100

Fonte: ANDRADE, 2014, p. 49

O interessante de se notar na tabela 03 é a concentração do número de escravos nas mãos da menor parcela de proprietários, sendo 64 proprietários concentrando 46% da escravaria. O autor ao fazer o inventário, caracteriza essa concentração como "muito expressivos e revela a importância econômica da região na primeira metade do século XIX" (ANDRADE, 2014 P. 49). Ele também afirma que os dados apresentados da comarca do rio das mortes configuram unidades escravistas à altura das grandes propriedades voltadas ao mercado agropecuário de exportação, o que representa a grande importância da mão-de-obra escrava nas fazendas da região (ANDRADE, 2014).

Com o intuito de estruturar a economia local e seus principais agentes, Andrade (2014) classificou as principais atividades econômicas, considerando o número de escravos que cada grupo de proprietários possuía. Nota-se a partir da tabela que grande maioria dos fazendeiros se dedicava à produção de alimentos e a criação de animais, inclusive a maioria dos grandes proprietários que estavam envolvidos diretamente na produção desses gêneros de abastecimento para abastecer a Corte.

Outro dado relevante diz respeito aos Engenhos de açúcar que representam o terceiro setor mais relevante de acordo com a tabela 04. A produção da cana-de-açúcar que contava com muita mão-de-obra escrava era principalmente direcionada a produção de aguardente, a clássica cachaça mineira, além da rapadura e do próprio açúcar (ANDRADE, 2014).

Tabela 04 - Número de proprietários por tipo de unidade produtiva

Tipos de unidades produtivas	**Faixa de escravaria**				**N° de proprietários**	**%**
	S/E	**F1 (1 a 5)**	**F2 (6 a 19)**	**F3 (+de20)**		
Agrícola		6	3	1	10	2
Pecuarista	30	92	85	5	212	45
Agropecuária	8	51	67	20	146	31
Mineração		6	3	6	15	3
Comércio	3	7	5	3	18	4
Engenho de açúcar		6	39	29	74	16
Total	41	168	202	64	475	100

Fonte: ANDRADE, 2014, p. 54

É sabida a importância que as atividades agropastoris tiveram na economia sul mineira a partir da última década do século XVIII, diversos autores relatam esse fato como Andrade (2014), Castilho (2012), Bonassi (2018) e Marcolino (2016) que ainda afirma essa importância ter contribuindo para o aumento de centralidade e capacidade de atração de pessoas se consolidando como polo regional. Andrade (2014) completa dizendo que a circunstância da região se tornar principal abastecedor de alimentos da Corte após 1808, ressalta a importância que as atividades ligadas a produção de gêneros para o consumo desempenharam na economia local da época.

Alguns reflexos da economia capitalista já podiam ser notados nessa época, como demonstra a passagem de Andrade (2014):

> Como já foi verificado, os grandes proprietários escravistas dispunham de mais recursos e estavam mais integrados à economia do abastecimento. Os proprietários menos abastados e mesmo os que não dispunham de escravos lançavam mão do trabalho familiar para garantir o sustento de sua família e outros dependentes. (ANDRADE, 2014, p. 63)

Tabela 05 – Produção agrícola e criação de animais nas unidades produtivas do termo de Campanha (1802 – 1865)

Produção agrícola	**Unidades não escravistas**		**Unidades Escravistas**					
	N°	**%**	**F1(1 a 5)**	**%**	**F2 (6 a 19)**	**%**	**F3 (20 ou mais)**	**%**
Milho	3	2	41	24	84	50	40	24
Feijão			16	23	35	50	19	27
Arroz	1	1	17	21	43	54	19	24
Mandioca			3	30	5	50	2	20
Criação de Animais								
Gado	25	7	117	33	159	45	56	16
Cavalar	30	8	127	33	164	43	59	16
Bestas	1	2	3	5	29	45	31	48
Porcos	15	6	76	31	112	46	39	16
Carneiros	4	3	44	31	71	50	24	17

Fonte: ANDRADE, 2014, p. 57

As atividades agropecuárias, como mostram a tabela 05, também estavam presentes na classe mais abastada dos produtores, que criavam alguns poucos animais, em sua maioria gado e cavalo, mas também porcos para subsistência.

Como podemos constatar a lógica dos grandes proprietários continua a mesma, a mudança acontece na mão-de-obra, na contemporaneidade não mais dispondo da mão-de-obra escrava, mas agora com a revolução tecnológica dispondo de maquinários, adubos e fertilizantes de alto rendimento, que ficam alheios aos pequenos produtores.

As tabelas a seguir nos mostram a evolução das fortunas da elite escravista campanhense e como ressaltou Andrade (2014) embora o autor parta de aspectos econômicos para definir as elites escravistas sul mineiras, é importante não desconsiderar a influência dessas famílias em outros aspectos da sociedade da época, como por exemplo o prestígio exercido pela família, a ocupação de cargos políticos, administrativos e eclesiásticos, assim como a escolaridade. Entretanto, chama atenção a crescente que as fortunas sofreram na primeira metade do século XIX.

Tabela 06 - Classificação das fortunas (em contos de réis), nos inventários com 20 escravos ou mais – Campanha (1803 – 1850)

Classificação	**N° de inventários**	**%**	**Valor**	**%**
Médias (até 10:000)	3	50	22.115$435	23
Médias altas (10:000 a 50:000)	2	33	22.902$839	24
Grandes (50:001 a 100:000)	1	17	50.363$336	53
Maiores (acima de 100:001)				
Total	**6**	**100**	**95.381$610**	**100**

Fonte: ANDRADE, 2014, p. 87

Tabela 07 - Classificação das fortunas (em contos de réis), nos inventários com 20 escravos ou mais – Campanha (1831 – 1850)

Classificação	**N° de inventários**	**%**	**Valor**	**%**
Médias (até 10:000)				
Médias altas (10:000 a 50:000)	24	75	717.067$833	50
Grandes (50:001 a 100:000)	7	22	583.559$264	41
Maiores (acima de 100:001)	1	3	132.828$570	9
Total	**32**	**100**	**1.433.455$667**	**100**

Fonte: ANDRADE, 2014, p.87

Tabela 08 - Classificação das fortunas (em contos de réis), nos inventários com 20 escravos ou mais – Campanha (1851 – 1865)

Classificação	**N° de inventários**	**%**	**Valor**	**%**
Médias (até 10:000)				
Médias altas (10:000 a 50:000)	12	46	379.127$320	19
Grandes (50:001 a 100:000)	9	35	661.966$348	33
Maiores (acima de 100:001)	5	19	958.294$992	48
Total	**26**	**100**	**1.999.388$660**	**100**

Fonte: ANDRADE, 2014, p. 87

Andrade (2014) caracteriza e subdivide em 3 períodos a fase em que houve o aumento do preço dos escravos. Um primeiro de 1803 a 1831, quando se começou o movimento anti-tráfico por parte das nações, encabeçado pela Inglaterra. O próximo período, datado de 1831 a 1850, é quando a entrada de cativos africanos atingiu os níveis mais elevados, mesmo já estando proibida por legislação. E a última 1851 a 1865, que caracteriza o período pós tráfico internacional, onde a lei da oferta e da demanda começa a

reger o preço dos escravos no Brasil. Tendo menos cativos disponíveis para serem comercializados os preços vão nas alturas, e estes passam a maior parcela na composição das fortunas sul mineiras, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 09 - Composição da riqueza em porcentagem, nos inventários de Campanha – (1803 – 1865)

Ativos	**1803 – 1831**	**1832 – 1850**	**1851 - 1865**
	%	**%**	**%**
Dinheiro	0,01	2,22	2,14
Ações			
Metais Preciosos	0,17	0,01	0,52
Joias	0,24	0,08	0,10
Utensílios	1,76	2,30	1,25
Comércio			
Produção, plantação	1,77	2,08	2,07
Animais	3,78	4,65	4,76
Escravos	34,71	35,33	39,73
Imóveis rurais	38,81	30,30	29,97
Imóveis urbanos	1,45	2,95	1,54
Dívidas ativas	7,76	15,57	11,75
Dotes	8,32	4,50	3,06
Total de inventários	**6**	**32**	**26**

Fonte: ANDRADE, 2014, p. 89 – modificado pelo autor

Como podemos notar a partir da tabela 09 a grande parte da fortuna que consta nos inventários estudados e tabelados por Andrade (2014) é composta pela posse de escravos e de imóveis rurais, nota-se também a tendência de valorização do preço dos cativos na faixa temporal exposta e também uma desvalorização dos imóveis rurais, muito provavelmente em decorrência do fenômeno de urbanização da sociedade que eclodiu a partir da metade do século XIX. Marcolino (2016) indica o apego de Campanha à mão-de-obra escrava até o fim do sistema, e isso fez com que a cidade enfrentasse dificuldades para se adequar ao mercado econômico e culminando numa perda de centralidade e diminuição da importância regional.

A transição do século XIX para o século XX trouxe muitas mudanças para a sociedade campanhense, a proclamação da República, a abolição da mão-de-obra escrava assim como a tendência à urbanização que vinha acontecendo na sociedade provocaram uma mudança de rumo para os campanhenses. A centralidade que a cidade apresentou

durante o século XIX já não mais se mostrara tão relevante. Marcolino (2016) é um dos autores que retrata essa diminuição do poder de centralidade, e justifica o acontecido como:

> Resultante da competição entre novos lugares próximos com a emergência de cidades vizinhas como Pouso Alegre, Três Corações, Varginha (...) concorrendo com o crescimento demográfico de atividades econômicas e serviços na região (MARCOLINO, 2016, p. 55).

Marcolino (2016) retrata em seu trabalho sua investigação de como se deu a construção de um imaginário campanhense que foi de vila brilhante e requintada a decadente na transição para o século XIX para o XX e se cristalizou no início do século XX num contexto de grande disputa entre a elite político-econômica do sul de Minas. Foi bem na transformação do Império para República que esse sentimento de decadência se instaura e permanece por longos anos. O autor também retrata esse sentimento de decadência da cidade atrelado a estagnação da religião católica na cidade e a falta de festividades religiosas, como se nota neste trecho contido no trabalho de Marcolino (2016):

> Há, desse modo, de se se atentar para aquilo que Ângela Alonso chama de crise de transição que são estes embaraços vivenciados a partir dos anos 1870 no Brasil "da economia escravista ao trabalho livre, de um regime político aristocrático a outro mais democrático, de uma monarquia católica a um estado laico e representativo". Em uma cidade marcada pela religiosidade católica, a pompa de seus templos e festas também é tomada como referência de opulência e decadência do lugar por outros atores. (MARCOLINO, 2016, p. 66)

2.3 – Diocese, Seminário e Colégio Sion: a presença da igreja católica como um retrato da modernidade e da sociedade urbanizada

Diante do contexto de transformação, novos atores sociais aparecem no meio político campanhense, em destaque a oligarquia cafeeira de caráter conservador que vinha ascendendo socialmente, principalmente em decorrência da chegada de linha férrea. Corrêa (1997) e Castilho (2012) são dois autores que afirmam a importância da linha férrea e das estações ferroviárias para a formação da malha territorial brasileira facilitando o transporte de produtos, pessoas e informações.

No contexto campanhense a linha férrea facilitou o escoamento da produção cafeeira para os portos, além de ser um meio para a difusão do que estava acontecendo nos principais e mais modernos centros do sudeste brasileiro. As notícias quanto a urbanização e modernidade que chegavam atingiam os campanhenses pelos inúmeros jornais que foram criados na época, um deles o Monitor Sul Mineiro, foi classificado por autores como "o mais influente jornal do sul de minas do final do século XIX e início do século XX" (BALBINO, 2016, p. 132)

Balbino (2016) exemplifica bem a transição de um mundo rural para o urbano que estava a ocorrer na época, no trecho "A cidade passa a ser vista como o local específico da materialização da modernidade, lugar onde os fazendeiros deveriam enviar suas filhas para receber a educação segundo o modelo burguês em plena expansão." (BALBINO, 2016, p. 134). O autor também retrata que já neste momento a educação vinha sendo bastante valorizada pela elite local, que vinha se destacando no cenário político nacional, conseguindo inclusive eleger senadores e deputados. Já a igreja "até então manteve estreitas relações com a classe senhorial, todavia agora inaugura uma nova fase, aproximando da classe burguesa." (BALBINO, 2016, p.35), com isso:

> (...) a igreja procurava se fortalecer na sociedade urbana apostando na educação (...) as ideias liberais e socialistas eram vistas pela igreja como um perigo, pois poderiam contribuir para o distanciamento dos fiéis da igreja, diminuindo sua influência sobre o povo brasileiro. (BALBINO, 2016, p.36)

É nesse contexto de grande interesse e parceria da elite local com a igreja, que se instalou no município no ano de 1904 o Colégio Sion, um colégio privado de educação cívica, moral e da religião católica, além de instrução básica para mulheres. Balbino (2016) menciona a um sentimento de necessidade da elite e autoridades locais quanto a um colégio comandado por religiosas europeias, que iriam de encontro com o conservadorismo local. A cidade fica polvorosa com a instalação do colégio e a magnitude da construção do prédio que será sua sede. Os interesses da elite local iam de encontro com os interesses da igreja ultramontana, visto que sua prioridade:

> Era a educação da juventude, principalmente a instrução e formação das moças, futuras mães e colaboradores naturais da igreja na missão evangelizadora e reprodutora dos preceitos católicos (...) esta era uma necessidade das famílias proprietárias de todo o Sul de Minas, inserir suas filhas no processo civilizatório idealizado pela burguesia rural em fase de transição do mundo rural para o mundo urbano. (BALBINO, 2016, p.138)

Nas palavras de Morais, um ilustre campanhense, o colégio foi um motivo de orgulho, retratado como um “Colégio de alto padrão cultural e beleza", era frequentado por jovens de quase todas as cidades de Minas e vários outros estados. Mantinha curso primário, ginasial, normal e comercial.” (MORAIS, 1988, p. 69). Esse sentimento de orgulho tomou conta também da população da época, o colégio se tornou motivo de divulgação na imprensa local, e nos jornais diocesanos (BALBINO, 2016). O Colégio durou cerca de 60 anos, encerrando suas atividades em 1965, o prédio continua sendo de propriedade da diocese local.

Outro momento do início do século XX que marca a proximidade relacional entre igreja católica, poder local e imprensa é a instalação da diocese em solo campanhense no ano de 1907. O estopim foi a reivindicação feita por Bernardo Saturnino da Veiga, que reivindicou em seu jornal O Motor Sul Mineiro a vinda da diocese, sua justificativa foi a grande distância que separava o sul de Minas de seu bispo. Para a população a vinda do bispado para a cidade se configurava como um símbolo da modernidade e iria proporcionar inúmeras vantagens a população (BALBINO, 2016).

Balbino (2016) retrata a presença do assunto em outros veículos da imprensa local, o que segundo o autor “demonstra a influência política de campanha na região, e a presença da imprensa nas questões de ordem religiosa estreitando os laços com a hierarquia católica ...” (BALBINO, 2016, p. 137). Raffestin é enfático ao afirmar que:

> O perigo (...) reside na possibilidade, para aqueles que administram e controlam esses meios, de difundir informações cujo caráter chocante pode criar reflexos condicionados, esquemas e comportamento e etc. (RAFFESTIN, 1993, p.219)

Os interesses da população campanhense e principalmente da elite campanhense mais uma vez foram de encontro com os interesses da igreja, que em um cenário de recém rompimento com o estado, pós independência, visava a partir da criação de novas dioceses a manutenção e difusão de seus territórios religiosos (ROSENDAHL, 2018). Em outro trabalho, Rosendahl e Corrêa (2006) citam a criação de sessenta e oito dioceses entre 1890 e 1930 com o intuito de materializar o poder simbólico da igreja no território e gerar uma densidade maior de centros diocesanos.

Outro dado importante relatado pelos autores é o de que “quarenta e cinco das sessenta e oito dioceses e prelazias criadas localizavam-se nas regiões Sudeste e Nordeste, privilegiando assim, as regiões mais povoadas e mais importantes economicamente” (ROSENDAHL e CORRÊA, 2006, p. 11). Indo de encontro com a caracterização econômica e populacional de Campanha exposta no subcapítulo anterior, ou seja, a cidade se apresentava

como um nódulo interessante para a rede eclesiástica da igreja católica. Acredita-se que o interesse da igreja era o de estar presente em determinados nódulos a fim de facilitar a circulação e comunicação da instituição no dito território sagrado. Uma estratégia para impor ordem e estar presente em todos os lugares mesmo depois da ruptura com o estado (ROSENDAHL, 2021).

Figura 05 - Placa em comemoração a diocese cravada em um obelisco no centro geográfico da cidade.

Fonte: Autor, abril de 2022

Raffestin (1993) é um ator que aborda de maneira muito precisa o poder implícito na comunicação e circulação, ele ressalta que para que haja o fluxo dessas esferas é necessário pontos materiais para sua sustentação, os nódulos, que seriam as dioceses, onde o bispo encarregado pela diocese deveria espalhar a fé e os preceitos da igreja católica pelos municípios integrados a essa diocese (BALBINO, 2016), ou seja há uma estratégia de controle das distâncias implícito nas dioceses, de forma a aproximar a igreja católica de lugares onde ela não estava mais tão fortemente presente.

Raffestin afirma que:

> A circulação e a comunicação são as duas faces da mobilidade. Por serem complementares, estão presentes em todas as estratégias que os atores desencadeiam para dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e do controle das distâncias. (RAFFESTIN, 1993, p.200)

Acredita-se que após o rompimento com o Estado, a igreja executou uma estratégia, com a criação de dioceses, para ocupar e controlar um território, e assim preservar um sistema, criando relações políticas e controlando uma população.

Oficialmente a diocese foi instalada no município no dia 03 de junho de 1908 e nomeado bispo da diocese o Monsenhor João de Almeida Ferrão. Uma das primeiras ações do bispo foi a fundação do seminário Nossa Senhora das Dores, que vem em pleno funcionamento até os dias de hoje. Foram criados também o Ginásio Diocesano, o Colégio Santo Antônio e o Colégio São Luiz Gonzaga reafirmando a forte relação entre a igreja e a educação no município. Além também da criação de um veículo de comunicação para as ações da diocese, chamado de O Cruzeiro do Sul (1912), mostrando o quanto a igreja católica valorizou e tinha uma relação com a mídia, que é um dos instrumentos de comunicação. (BALBINO, 2016). Como afirma Raffestin (1993) rádio e televisão são ferozes ferramentas de poder por terem o controle sob a difusão de informações, informação é poder. Essas medidas tiveram o intuito de estruturar a diocese no município, além de propagar e fortalecer o catolicismo no Sul de Minas.

Rosendahl (2005) estuda a estrutura da instituição católica apostólica romana, a autora elenca os níveis administrativos da Igreja, colocando como primeiro nível hierárquico administrativo o Vaticano. O segundo nível seria a diocese, um "território religioso verdadeiramente presente e atuante no processo de regulação e religiosidade católica" (ROSENDAHL,2005, p.12933), com o dever de construir uma aproximação entre o local e o global, uma regulação do pastoral regional. Já a paróquia é tratada pela autora como o território mais próximo do devoto, portanto "deve ser reconhecida como o território onde se dá o controle do quotidiano, porque ela está na escala da convivência humana" (ROSENDAHL,2005, p.12933), ou seja, está na escala de relação do local com o regional e o global. Sendo, "justamente a não rigidez no tempo e no espaço a característica que garante a compreensão das territorialidades, sejam elas formais, informais, perenes ou fugazes" (ROSENDAHL,2005, p.12934).

Em um de seus estudos, Rosendahl nos diz que territorialidade "significa o conjunto de práticas, desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território." (ROSENDAHL,2002, p.05), portanto podemos considerar a Igreja Católica Apostólica Romana como um agente que se apropria de determinadas parcelas do espaço e tem através de territorialidades tentado exercer seu domínio. E, portanto, "é nessa poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre o território que a religião se estrutura enquanto instituição" (ROSENDAHL,2002, p.05).

2.4 – Caracterização socioeconômica e cultural atual do município

Na época presente, Campanha faz parte da Região Imediata de Três Corações. Essa divisão regional, foi organizada pelo IBGE em 2017, e surge da crescente importância que vem sendo dada aos níveis de hierarquia urbana, foi estabelecida com base na rede urbana e nas relações de centralidade, ou seja, nas conexões entre as cidades próximas, relações de dependência e deslocamento populacional em busca de bens, serviços e trabalhos (IBGE, 2017). Fato esse que exemplifica a perda de centralidade regional do município nos dias atuais, que tem uma intensa relação com Três Corações, principalmente no que diz respeito à procura de serviços especializados.

Apesar de o conceito de cidade pequena ser de difícil elaboração, visto que se deve evitar generalizações (SPOSITO 2009), Campanha se enquadra muito bem na classificação de pequeno centro. Segundo o IBGE cidades a população estimada em 2021 é de 16.855 pessoas. Como podemos notar na Tabela 10, a população do município vem crescendo modestamente ao longo dos últimos censos demográficos.

Tabela 10 - Evolução do número populacional do município de Campanha - MG, 1970-2021.

1970	1980	1991	2000	2010	2021*
10.030	10.511	12.260	14.098	15.433	16.855

Fonte: Censos Demográficos do IBGE (1970, 1980, 1991, 2000, 2010) e Estimativa Populacional (2021)
.

Em relação aos dados referente ao sexo da população, percebe-se uma alternância na superioridade na série histórica, mas sempre mantendo uma margem de diferença muito pequena, o dado mais recente nos mostra uma superioridade de 0,28% para os homens.

Tabela 11 -Porcentagem da população residente do município de Campanha - MG por sexo entre 1970-2010.

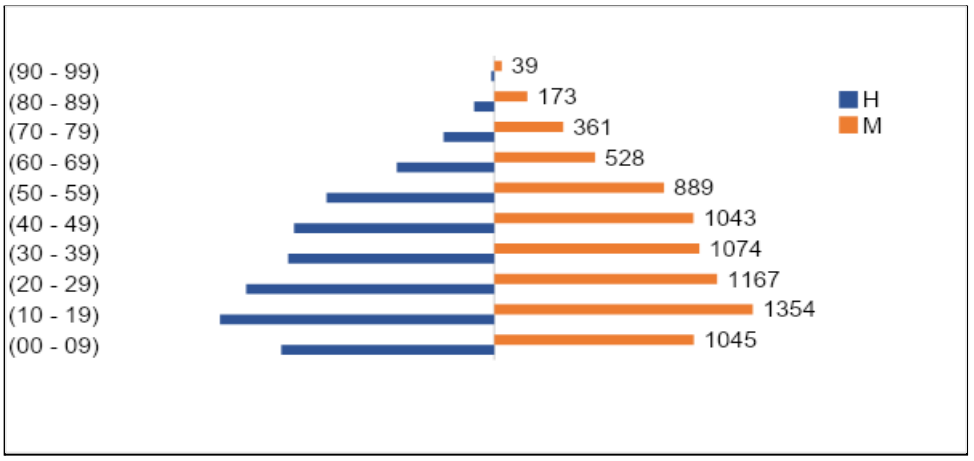
1970		1980		1991		2000		2010	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
49,29	50,71	50,25	49,75	49,80	50,20	49,45	50,55	50,28	49,72

Fonte: Censos Demográficos do IBGE (1970, 1980, 1991, 2000, 2010).

O gráfico 1 representa a Pirâmide etária da população campanhense, que acompanha a tendência nacional, há uma diminuição da base demonstrando uma diminuição da taxa de

natalidade. Consequentemente temos um alongamento do meio da pirâmide, principalmente entre a faixa etária de 10 a 30 anos, o que representa o aumento da mão de obra e consequentemente da população economicamente ativa nos anos seguintes a 2010, o que pode significar crescimento econômico nesses próximos anos. Assim como também um aumento suave das faixas no topo, consequência do desenvolvimento do setor público de saúde, de políticas públicas e sociais, afetando diretamente a qualidade e expectativa de vida da população.

Gráfico 1 – Pirâmide etária da população de Campanha – MG, 2010.



Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2010).

Em relação a cor ou raça da População Campanhense, dados do Censo demográfico de 2010, apresentados na Tabela 12, nos mostram que a maior parte da população é branca, seguida pela população parda. Andrade (2014) ao relatar o primeiro estudo demográfico do termo da Campanha, organizado por Clotilde Paiva e Herbert Klein, na qual continha dados sobre a população livre e escrava (idade, sexo, origem, ocupação e outros), nos expõe que a população de origem africana representava 14% do total da população, nota-se na tabela que o a população que se autodeclara preta diminui quase a metade do século XIX para cá. Também causa estranheza a ausência de população autodeclarada indígena.

Tabela 12 – Porcentagem da população do município de Campanha - MG de acordo com a cor ou raça de autodeclaração.

Branca	**Preta**	**Amarela**	**Parda**	**Indígena**
62,82	7,73	0,51	28,94	-

Fonte Censo Demográfico IBGE (2010)

Outro dado interessante do Censo, e que mostra a forte presença da religião católica no município, é a porcentagem de habitantes adeptos das vertentes religiosas em 2010, dados do último censo. Nota-se a partir da Tabela 13 a supremacia da religião Católica Apostólica Romana em relação à segunda religião com o maior número de adeptos, a religião Evangélica. Fica mais díspar se compararmos com as demais religiões, que não cativam uma parcela significativa dos habitantes do município.

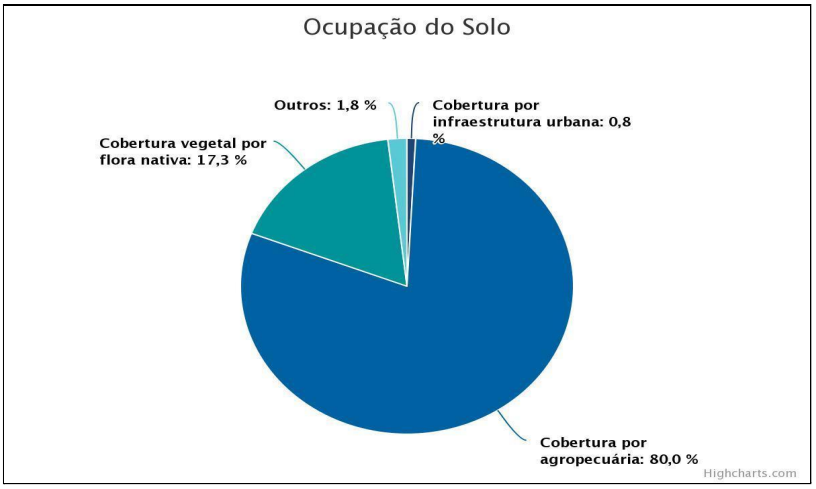
Tabela 13 – Porcentagem da população adepta das principais religiões do município de Campanha - MG, 2010.

Religião	**Porcentagem da população**
Católica Apostólica Romana	83,08
Evangélicas	13,75
Espírita	0,54
Testemunhas de Jeová	0,46
Judaísmo	0,23
Tradições esotéricas	0,07
Budismo	0,05
Sem religião	1,54

Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2010)

Como mostra a imagem 04, como herança do passado muito ligado à agropecuária, o município permanece com uma relação muito forte com o mundo rural, tendo cerca de 80% do seu território utilizado por cobertura agropecuária, mostrando que a economia da cidade gira em torno do setor primário.

Gráfico 02 – Uso e ocupação do solo de Campanha – MG



Fonte: MapBiomas (coleção 5) organizado por IMRS - FJP, http://imrs.fjp.mg.gov.br/NovoPerfil?id=36

Outra herança é a presença de uma elite agropecuária, que se confirma com a tabela a seguir, onde podemos constatar que a maior parte da terra está concentrada na mão do menor número de estabelecimentos que não são de agricultura familiar. Ou seja, cerca de 30,5% dos estabelecimentos agrícolas, não familiares, detém uma parcela próxima de 69,7% dos hectares de terras agricultáveis do município.

Tabela 14 - Tipologia e área dos estabelecimentos agropecuários de Campanha-MG, 2017.

Município	**Variável**	**Tipologia**		
		Não é agricultura Familiar	**É agricultura familiar**	**Total**
Campanha	N° de estabelecimentos	267	608	875
	Área dos estabelecimentos	18285 Hectares	7949 Hectares	26233 Hectares

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE (2017).

3. TERRITORIALIDADES, TOPONÍMIA E PODER

Território, territorialidade e toponímia são conceitos fundamentais na pesquisa geográfica e sua construção implica poder. Para Raffestin o poder é uma palavra ambígua "uma vez que podemos investi-lo ou privá-lo de uma carga expressiva específica, conforme as circunstâncias." (1993, p.51), mas se coloca como componente essencial de toda relação, sendo multidimensional e constante, se manifestando em toda relação de troca e comunicação. O autor também indica que o poder é um instrumento e pode ser institucionalizado, tomando como expressão espacial o território, entretanto ele não pode ser possuído, o poder é sempre exercido e está presente em toda produção e relação que se alicerça no espaço e no tempo, sendo assim poder, território e estado estão estritamente articulados. (RAFFESTIN (1993).

Suertegaray (2001) ao fazer uma reconstituição do conceito de território, afirma que este, está presente na geografia desde seus primórdios, sendo discutido no passado por Ratzel, com uma perspectiva atrelada à política, ao estado e vinculado ao solo. Sendo assim, um espaço ocupado e utilizado por uma determinada sociedade, estabelecido por um limite, uma fronteira, compondo uma extensão do poder.

Se faz importante a distinção conceitual proposta por Raffestin (1993), em que o espaço é antecessor ao território, não sendo termos equivalentes. Ele acredita que o conceito de espaço é relativo à bagagem natural presente numa região. Por outro lado, o conceito de território é consequência da ação executada por um ator o qual se apropria do espaço e executa uma ação de territorialização. Sendo assim o conceito de território abrange as relações de poder dos atores que operam no espaço e estabelecem identidades atreladas a um limite geográfico. Raffestin (1993) afirma que "falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite", que pode ou não ser delimitado.

> (…) do Estado ao indivíduo passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontramos atores sintagmáticos que "produzem" territórios […], em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem territórios (RAFFESTIN, 1993, p. 152)

Contemporaneamente, o território ganha ainda mais complexidade, ele se torna o campo onde se manifestam as redes de relações de poder, em que as relações sociais são projetadas no espaço (SOUZA 2001). Santos (1999) afirma que o território por si só não deve ser compreendido como categoria de análise, mas sim o território usado que é

segundo ele “o chão mais a identidade”, ou seja, devemos levar em conta o sentimento de pertencimento àquele dado lugar. Já que: “O território é fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 1999, p.8).

Entende-se que o território tem forte relação com a cultura, sendo para Medeiros (2009) antes de mais nada, um lugar de identificação cultural, de pertencimento, de ritos e expressão de valores. É importante ressaltar que a autora não deixa de lado a questão do poder, que segundo ela está intrínseco no território, e o exercício de definir seus limites é sinônimo de dominação e controle. Ela explica que: “O território traz em si esta noção de poder e de afirmação identitária lhe dando garantia de existência (...) é, pois, esta parcela do espaço enraizada numa mesma identidade e que reúne indivíduos com o mesmo sentimento"(MEDEIROS, 2009, p.218)

Giménez (2000) remete o território à apropriação e valorização do espaço. Os autores detalham que essa apropriação tem duas particularidades, uma de caráter instrumental-funcional, onde a relação com o espaço é feita de maneira a priorizar exploração econômica ou vantagens geopolíticas. Outra de caráter simbólico-expressivo, onde o papel do território se destaca como lugar de manifestações culturais, com o objetivo de dar suporte às identidades individuais e coletivas. Pode-se dizer então, que baseado nas relações espaciais, o território atende as necessidades políticas, econômicas e sociais, mas sua função não se resume a apenas isso. O território, também é palco de interações culturais, sendo objeto de apego emocional e registro de um passado histórico pertencente a uma memória coletiva, em suma um geossímbolo. Haesbaert (2004) afirma não haver território que não seja instituído, sendo cada território sempre abrigo e proteção de sujeitos, que por meio dele, fazem a si mesmos, materializando tradições e especificidades do lugar.

Essa identidade da memória coletiva é entendida como territorialidade pois conforme Raffestin “a territorialidade reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral” (1993, p.158). Assim, a territorialidade pode ser considerada resultado de uma construção de relações sociais formatadas no espaço.

Como afirma Saquet (2009) a territorialidade representa o cotidiano do local, são as ações da comunidade com intencionalidade de dominar, induzir, ou afetar indivíduos e relações num determinado território. O autor também ressalta que a territorialidade tende a ser histórica e relacional já que “Há em cada território, tempos históricos e tempos

coexistentes (ritmos) presentes, em unidade, a mesma unidade da relação espaço-tempo e da relação idade-matéria" (SAQUET, 2009, p. 86) sendo assim “as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar” (SAQUET, 2009, p. 88), portanto “podemos afirmar que a apropriação e construção do território geram identidades e heterogeneidades e que, estas, concomitante, geram territórios" (SAQUET, 2009, p. 88). Assim:

> A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural-agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida. (SAQUET, 2009 p.90)

Por meio da análise de territorialidades podemos compreender de que maneira a igreja católica apostólica romana executa táticas de apoderamento do espaço, mantendo domínio e representatividade em um determinado território conforme Haesbaert:

> (...) a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2004, p.3).

É primordial então que se entenda como se deu a inserção e territorialização da religião católica no Brasil. É sabida a forte ligação entre a igreja e os países colonizadores europeus. A instituição se fixou como instrumento de domínio e poder assim que o estado nação nasceu, e a lei, a religião e os costumes se estabelecem como nacionais (HAESBAERT, 2006). Esse fato é importante para entendermos a disseminação da religião católica pelo ocidente no período colonial. Como elucida Haesbaert (2006), a princípio o papa, em nome de deus, divide o mundo entre Portugal e Espanha, com o meridiano de Tordesilhas (1493), e sob o manto da cruz e do comércio se inicia o domínio ibérico “eivado de um espírito de salvação mítico-religiosa patrocinada por sedentos financistas e comerciantes preocupados com motivos menos nobres, como a acumulação de capital” (HAESBAERT, 2006, p.25).

E nesse sentido que autores como Antônio Carlos Robert Moraes (2008) notam a importância da geografia ao analisar a conquista desses novos espaços, sendo que essa

apropriação de novas terras esteve atrelada a elementos que impulsionaram a tomada do território, esses elementos, para o autor, são grande fator de influência na estruturação da vida social, que ao longo dos anos, constituíram as instituições e relações vigentes na atualidade. Portanto, "o novo estado se constrói sempre sobre as estruturas econômicas, políticas e culturais preexistentes, isto é, herdadas do período colonial" (Moraes, 2008, p.72)

Nota-se a necessidade de mecanismos que dessem apoio a colonização, ou seja, instrumentos e crenças que facilitassem a tomada do território, onde os povos originários deveriam se submeter a esse poder que se instalava, consequentemente se submeter a cultura atrelada a esse poder. Fazendo uma analogia com Tuan (1974), os colonizadores não apreciavam o selvagem e o desconhecido que os afrontava nas colônias, era visto por eles como um obstáculo a ser vencido uma ameaça à sua sobrevivência. Assim como os jesuítas pioneiros que viram o território do novo mundo e seu povo como selvagens e profanos, um lugar de demônios e que necessitava da proteção da igreja. Nessa perspectiva pode-se entender que os portugueses trouxeram o catolicismo para o brasil como uma forma de naturalizar ou reterritorializar, o lugar que estava sendo dominado.

Pensamentos parecidos com o de Raffestin (1993) e Rosendahl (2005). Que afirmam, principalmente no entendimento da geografia cultural, que a igreja tem apostado nos conceitos de sagrado e profano, para exercer seu poder de dominação e controle.

Rosendahl (2018) aferiu o crescimento do cristianismo a partir da expansão do colonialismo europeu no século XV. No Brasil, a autora relata a introdução da fé cristã através dos portugueses, e destaca a relação entre a missão evangelizadora e a ocupação do litoral brasileiro através dos jesuítas e franciscanos no século XVI. Para a autora “a migração de sistemas religiosos resultam em adaptações ou integrações de religiões a um determinado ambiente estranho, que pode alcançar um equilíbrio ou desenvolver mecanismos de conquista” (ROSENDAHL, 2018, p.24). Já no século XVII e XVIII, as práticas religiosas começam a se interiorizar no território brasileiro, e segundo a autora já se manifestavam espontaneamente pela “piedade popular”. A autora ainda ressalta que:

> Durante o século XVIII, a expansão dos santuários coincide com a grande corrente migratória de aventureiros portugueses e brasileiros em direção a Minas Gerais e demais regiões mineiras. O que caracteriza a formação dos santuários neste século é a ausência das ordens religiosas clássicas que evangelizaram o litoral brasileiro. O movimento missionário do século XVIII não foi clerical, e sim leigo. Os santuários que surgem nesse período representam uma tentativa popular de valorização da fé em oposição aos males trazidos pelo ouro. É nesse

> contexto econômico, que produziu luxo e poder para uns e miséria e opressão para outros, que o número de ermidas ganha maior importância na Bahia e em Minas Gerais. (ROSENDAHL, 2018, p.71)

O contexto de interiorização da fé católica no século XVIII remete a história do município da campanha, município constituído na corrida aurífera, tendo o santuário ocupando o lugar central desde o primórdio do núcleo de povoamento. Bonassi (2016) ressalta a importância e a centralidade da igreja matriz para os arrais da época, sendo um ponto de referência para o estabelecimento das futuras vilas. O autor também relata a importância da população e da câmara municipal na organização dos festejos religiosos no século XIX, onde competia à câmara a organização dos festejos mais importantes e a população as festas em homenagem aos santos a qual fossem devotos. Ao longo dos estudos fica evidente a presença da religião e da religiosidade na formação do território campanhense, constituindo um elemento característico e central na cultura da população.

Podemos constatar essa forte presença através das toponímias, estudo do nome dos lugares, uma estratégia de ordenamento. Desde de antes dos tempos bíblicos, o ser humano deu nome às coisas, aos lugares. Os relatos bíblicos registram nomes de países, regiões, reinos, montes e planícies, cidades (FAGGION e MISTURINI, 2014) dando sentido e significado aos lugares, conforme cada cotidiano e experiência. Para Chueca (2010) as toponímias são um encontro de tempos e espaços. Dotadas de valor cultural e representatividade para aquela sociedade, perpetuam ao longo das transformações territoriais. E representam uma relação de poder na disputa pelo controle do território e a construção das memórias coletivas.

Claval (2007, p.340) vai dizer que "A representação da religião e do poder, ocupam, frequentemente, um lugar essencial na organização das paisagens das sociedades históricas".

Por vezes atos estatais tornam legítima a lógica da nomeação dos lugares, produzindo representações do mundo social ao custo de remodelar a memória de classes sociais mais baixas, assim os nomes dos lugares remetem a quem tem poder e podem servir para legitimar a cultura e os valores dos atores hegemônicos. Existe então uma intrínseca relação de poder com o nome atribuído, podendo configurar um silenciamento colonial das culturas indígenas e negras, na glorificação dos ideais nacionalistas. "Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de

referência para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido" (ISQUERDO, 1997, p.31)

Isquierdo (1999) nos diz que os topônimos, funcionam como "palavras testemunhas", decorrente de crenças, expectativas e valores, de um determinado grupo social, estando relacionada com a história dessa comunidade. Nesta mesma linha Claval (2007) se refere às toponímias como uma herança do passado, sendo que costume de batizar os lugares não tem apenas função de referenciar, trata-se também de uma conquista do espaço, seja de forma simbólica ou real. Assim como afirma Haesbaert "nomear cada coisa, cada lugar, é um modo de nos apropriarmos do espaço, de nos territorializarmos. Assim é que o território que habitamos nos parece algo natural, entretanto todo território é uma criação" (HAESBAERT, 2006, p. 14).

Assim como as toponímias podemos também analisar as territorialidades presentes no lugar através da produção simbólica da sociedade, ou seja, os geossímbolos. Bonnemaison (2002) propõe entender o espaço como uma forma de linguagem, sendo ela reflexo de traços deixados por grupos que ali se territorializam. Assim, o geossímbolo é definido como "um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade" (BONNEMAISON, 2002, p. 109).

Portanto se faz necessário que entendamos o meio em que determinada população cresce, vive e se molda. De onde vem suas influências, quais são os símbolos do poder que agem de forma a orientar a construção de sua identidade, da sua cultura. Pois como afirma Medeiros:

> A constituição da cultura nos sujeitos se inicia na infância e é também uma herança dos seus ancestrais. A família ou o grupo em que as pessoas vivem são determinantes na sua manifestação cultural. É neste meio que as práticas da economia, das relações políticas, sociais, culturais se manifestam. (MEDEIROS, 2009, p.222)

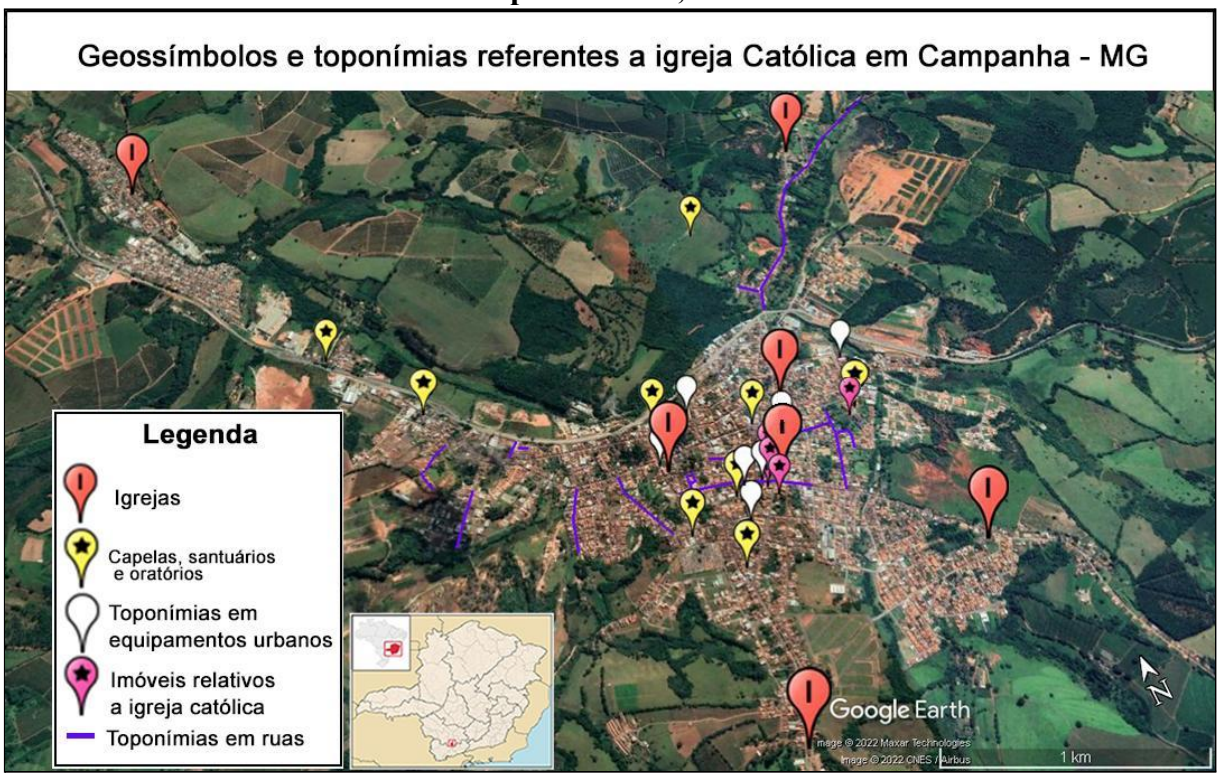
Assim, é importante ressaltar a relação do poder, neste caso religioso, na organização do espaço através das territorialidades impregnadas nas toponímias e geossímbolos, e compreender como esse processo se deu e como está em na contemporaneidade.

4. AS REPRESENTAÇÕES DO PODER DA IGREJA CATÓLICA NO MUNICÍPIO DE CAMPANHA-MG

4.1 A espacialização do poder da Igreja Católica no território urbano de Campanha - MG

Como já foi mostrado, a religião e a religiosidade estiveram e estão presentes na formação territorial de Campanha, assim como também fazem parte do contexto sociocultural da população local. Tratando-se de uma cidade na qual as elites sempre se esforçaram para contar com a presença da igreja católica, seja na missão evangelizadora, na educação, na cultura, na comunicação e mais recentemente na economia, a igreja se tornou símbolo indissociável da paisagem do município. Essas representações do sagrado estão presentes por todo o território do município, fato que pode ser constatado na figura 06.

Figura 06 – Localização das representações de poder da igreja no município de Campanha - MG, 2022.



Autor: Autor, 2022.

Fica evidente na figura 6, que há uma concentração dos geossímbolos e toponímias ligadas ao catolicismo na parte central do município. Vários motivos podem ser elencados de modo a justificar essa polarização das representações católicas na parte central da cidade,

como por exemplo o fato de o núcleo urbano ter começado a surgir a partir dessa região, sendo assim num passado onde a igreja e o poder público tinham maior proximidade, faz sentido a concentração nessa parcela mais antiga da cidade. Mas também, não podemos deixar de lado o interesse por parte da instituição de ter representações no centro da cidade, lugar de atração de pessoas, onde os geossímbolos e as toponímias serão vistos cotidianamente sempre estando presentes na memória da população.

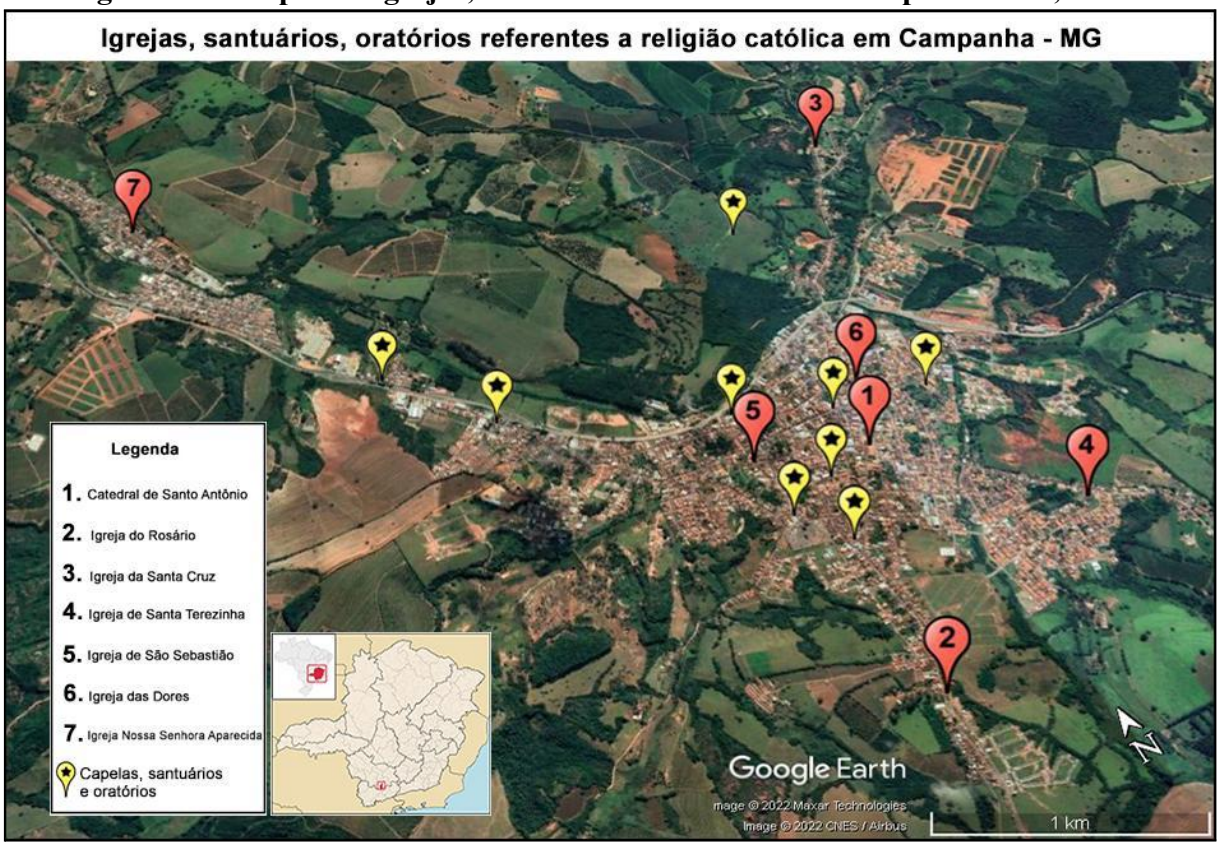
Rosendahl (2005) se refere a essa territorialidade religiosa como um conjunto de ações elaboradas no sentido de controlar um território, nesse caso um amplo controle do território central do município, onde o poder do sagrado pode refletir a identidade de fé e um sentimento de salvação atrelado a esses espaços do sagrado. Estando sempre presente no cotidiano e consequentemente no imaginário da população a igreja consegue manter vivo seu poder de dominação, um poder simbólico que aborda a dicotomia *salvação e condenação – céu e inferno.* Raffestin (1993) diz que é necessária uma circulação constante do religioso pela comunidade, para que que a religião não deixe de existir, sendo que um de seus trunfos é exatamente estar presente no cotidiano seja na forma de informação ou controles do espaço, como é o caso de Campanha – MG, na qual a igreja tem o controle dos espaços certos, mais movimentados da cidade, expondo seu poder e suntuosidade através de seus prédios enormes e toponímias, sendo sempre vista e cobiçada pelo seu "poder de salvação". Como nos diz Rosendahl, "As ideias de que existem espaços sagrados e de que pode existir um mundo no qual as imperfeições estarão ausentes conduzem o homem a suportar as dificuldades diárias" (ROSENDAHL, 2018, p.37). Rosendahl (2018) ainda se refere a esses espaços do sagrado como um local onde a comunidade se agrupa, sendo um lugar atraente, pode-se então inferir que o poder público pode utilizar desse agrupamento de fiéis para executar estratégias econômicas, sociais e políticas. Assim, nota-se nessa polarização do religioso na parte central da cidade uma estratégia de atração de pessoas não só por parte da igreja, mas também por parte da administração pública.

4.2 Igrejas, Santuários e oratórios

Para que possamos entender melhor esse controle de territórios estratégicos e a manifestação das territorialidades religiosas, serão esmiuçados separadamente cada uma das categorias apresentadas na figura 7. De início será analisada a espacialização do símbolo maior da religião católica, o lugar de confluência da comunidade, a igreja. Afinal "Cada vez

que uma nova igreja se ergue, o grupo religioso tem a impressão de que cresce e se consolida" (ROSENDAHL, 2018, p. 37).

Figura 07 – Mapa das igrejas, santuários e oratórios em Campanha-MG, 2022.



Autor: Autor, 2022.

Quando falamos de sagrado e produção do espaço urbano, podemos colocar como elemento forte dessa conexão religião e cidade a igreja. (ROSENDAHL, 2018). A figura 07 representa bem essa conexão, no sentido de que para onde a cidade cresce existe um templo ou um oratório para poder abrigar a fé daquela população que está se alocando nesse novo território urbano. As igrejas do Rosário (2), Santa Cruz (3), Santa Terezinha (4) e Nossa Senhora Aparecida (7) estão localizadas em bairros mais afastados, bairros situados na saída da cidade, lugares que estão ou estiveram em processo de expansão urbana não ordenada.

As igrejas do rosário (2) e da Santa Cruz (3) são mais antigas, elas têm em sua origem a marca do sentimento de um povo, ambas já foram demolidas, mas por força de seus fiéis foram reconstruídas e seguem símbolos da comunidade de devotos ali situadas. A Igreja do Rosário, situado no ponto mais alto da cidade, já foi a igreja mais importante da cidade, uma matriz provisória enquanto a nova estava sendo construída. Foi então demolida em 1950 e reconstruída outra no ano de 1975 por esforços da Sra. Matilde Margarida Delapé, devota do

rosário que sentia a necessidade dessa representação para a comunidade da chapada, como é chamado o bairro onde está situada. Já a igreja da Santa Cruz, fica situada na rua de mesmo nome, existe até os dias atuais por força do povo do bairro que não permitiu que a igreja desaparecesse com os anos, foram necessários construir antes outras duas capelas, essa terceira e última construção é datada de 1938 e é fruto de uma comissão composta por moradores da localidade que ansiavam pela presença e proteção da igreja em seu bairro (MORAIS, 1988).

Já as Igrejas de Santa Terezinha (4) e Nossa Senhora Aparecida (7) são igrejas mais recentes, erguidas a partir do século XXI, foram construídas também por vontade da comunidade local, que queriam homenagear as santas de sua devoção e pela distância que o povo da localidade deveria percorrer para frequentar o templo mais próximo. O período de construção dessas igrejas é semelhante ao período de expansão das igrejas evangélicas, assim se percebe a construção desses templos como uma estratégia da igreja católica de estar presente na grande maioria dos bairros da cidade e não perder espaço para essas novas instituições que tem cada dia mais ganhando força. Além disso, essas duas igrejas católicas construídas no século XXI ocupam a área periférica da cidade, demonstrando ainda um poder no território municipal. Se olharmos à disposição de todas as igrejas presentes no município e fizermos um raio ao entorno delas podemos notar que os templos abrigam quase que a totalidade do território urbano Campanhense.

As igrejas da parte central da cidade, em especial a Igreja das Dores (6) e a Igreja de São Sebastião (5), também foram construídas por vontade da população. O templo das Dores, foi construído pela vontade de José de Jesus Teixeira, minerador que conseguiu grande fortuna através dessa atividade, é a igreja mais antiga da cidade ainda de pé, e é uma forte representação da ligação entre a elite local e a igreja. Já a Igreja de São Sebastião teve seu primeiro prédio erguido em 1805, sendo demolida anos mais tarde e reconstruída em 1945 pela força dos devotos de São Sebastião, padroeiro que representa a localidade (MORAIS, 1988). Ali também está situada uma Praça de mesmo nome e todos os anos é realizada festa em homenagem ao padroeiro, uma verdadeira manifestação de territorialidade.

O destaque entre as igrejas fica para a Catedral de Santo Antônio, símbolo do município e que ocupa lugar central na paisagem da cidade, possui um tamanho atual de 75 metros de comprimento, 25 metros de largura e altura de 17 metros na nave central. A catedral foi tombada pelo SERPHAM – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Municipal, é motivo de grande orgulho para a população e completou 200 anos do término de

sua construção no dia 31/03/2022. É considerada uma das 3 maiores catedrais do Brasil e a maior de Minas Gerais (MORAIS, 1988). (Figura 08)

Figura 08 – Catedral de Santo Antônio em Campanha-MG

Fonte: Autor, abril 2022

Como podemos notar a comunidade local teve importante participação na construção das igrejas da cidade, conotando essa vontade da população de querer estar mais próxima ao sagrado, representando o sentimento e a cultura da população que tem desde os tempos mais antigos essa estreita relação com a fé católica. Como nos diz Rosendahl:

> Todo lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas encoraja a devoção, como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional (ROSENDAHL, 2018. p.36).

Dentre os Santuários e Oratórios, cabe o destaque para uma parceria entre a igreja e o poder público, no sentido de inaugurar mais um ponto turístico para o município. Em 2016 foi inaugurado, no Morro do Cruzeiro, este com ampla vista da cidade e para a cidade, o caminho da oração Beata Nhá Chica e Beato Pe. Victor. Caminho esse situado em uma rua toponímica nomeada de Rua Monsenhor Osório (figura 10), contém 15 estações da via sacra. Com o objetivo de atrair turistas em seus itinerários religiosos, a cidade de Campanha reforça essa identidade territorial.

A iniciativa, segundo o site da Diocese, partiu do poder legislativo e executivo da cidade e teve a participação e aprovação da diocese e da paróquia da cidade. Mais uma vez representando essa longeva parceria do poder público com a igreja no município, como mostra a figura 9 onde podemos ver da direita para a esquerda dois representantes da igreja católica, no centro o então Prefeito da cidade e mais ao lado, na ponta esquerda a vereadora que foi a idealizadora do projeto.

Imagem 09 – Parceria com o poder público e igreja na inauguração do caminho da fé, no morro do Cruzeiro, Campanha-MG.

Autor: Bruno Henrique Santos, dezembro de 2016. Fonte http://www.diocesedacampanha.org.br/portal/index.php/noticias/noticias-ns-fontes-arquivo/656-inauguracao-e-bencao-do-caminho-de-fe-beatos-pe-victor-e-nha-chica-campanha-mg

Figura 10 - Inauguração da pavimentação da Rua Monsenhor Osório, uma toponímia. Representação da parceria poder público e Igreja Católica.

Autor: Autor, abril de 2022

É interessante notar a relação entre estado e igreja católica na reforma da rua toponímica e na criação do caminho da fé, pode-se ver o envolvimento não só da prefeitura mas também do governo estadual, assim como o nome de todos responsáveis politicamente envolvidos na construção dessa atração, configurando essa relação direta entre Igreja e Estado em Campanha. Marcando uma estratégia de manutenção do poder da igreja e do poder público.

Estrategicamente colocadas, a figura 11 nos mostra como estão estrategicamente posicionadas as estátuas, viradas para a cidade , como uma forma de representar a benção dos padroeiros sob os campanhenses, e ao fundo a Matriz de Santo Antônio se destacando em meio ao território urbano da cidade, fazendo alusão ao seu poder e grandiosidade.

Figura 11 - Estátuas de Beata Nhá Chica e Beato Pe. Victor no Morro do Cruzeiro.

Fonte: Autor, abril de 2022

4.3 As Toponímias:

Como apresentado em capítulos anteriores, as toponímias além de serem pontos de localização, são representações identitárias de um povo ou de poder de quem controla aquele território. Podem ser entendidas como parte da cultura de uma comunidade, e em Campanha, estão presentes tanto em equipamentos urbanos como caracteristicamente em nomes de ruas e bairros. No que tange os bairros temos os bairros São Cristóvão, Santo Antônio, Santa Tereza e Santa Cruz, que não só marcam pontos de referência como também são parte da cultura da comunidade e fazem referência a padroeiros adorados no lugar e podem ser entendidos como territorialidades.

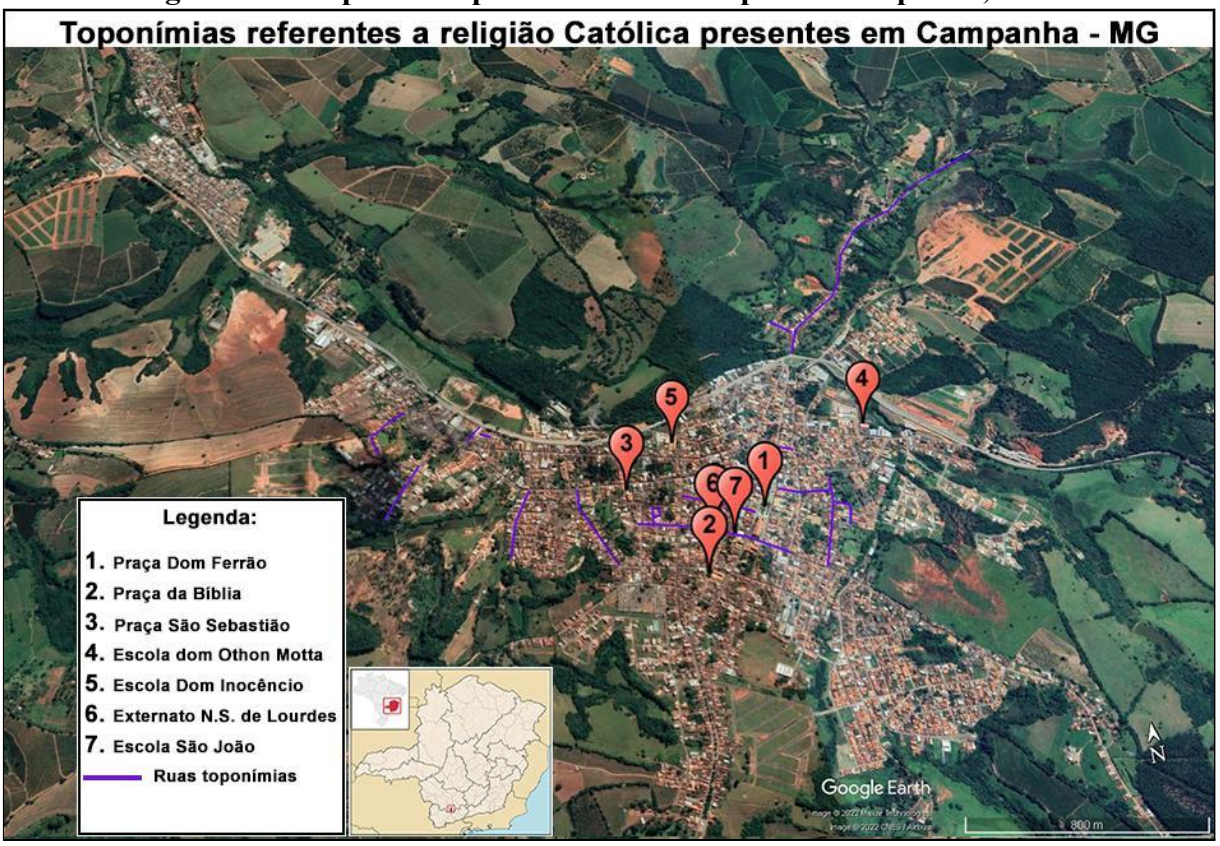
Destacam-se o caso da Santa Cruz, que possui uma igreja de mesmo nome, situada numa rua de mesmo nome, e como mostrado anteriormente, fazem parte da identidade do lugar. E o caso do bairro São Cristóvão, a comunidade local se organiza e faz um dos festejos mais bonitos da cidade, comemorado em julho, é marcado por uma procissão diferente, onde o caminhão com a imagem do santo e os integrantes da igreja vão na frente, logo atrás um comboio de motos, seguidas por carros e por últimos os caminhões. Os caminhoneiros que são uma das comunidades fortes do município e muito devotos de são Cristóvão já que esse é o protetor dos motoristas e dos viajantes.

Figura 12 – Procissão em homenagem a São Cristóvão, Caminhão com a imagem do santo na frente e as motos na sequência.

Autor: Autor, julho de 2020

As toponímias também estão presentes nos nomes das ruas da cidade, majoritariamente estão nas partes mais antigas do território urbano, sendo que nos bairros mais novos não se encontram toponímias relacionadas à igreja católica. Como mostra a figura 11.

Figura 13 - Mapa das Toponímias no município de Campanha, 2022.



Fonte: Autor

No que diz respeito a essas toponímias do sagrado presentes nas ruas de Campanha, em sua maioria são homenagens a pessoas da igreja, na qual o poder público considera terem feito benfeitorias a cidade, e como uma maneira de marcar seus nomes na história do município os homenageou dessa maneira. Destaque para a Rua Padre Natuzzi, Rua Irmã Terezita, Rua Monsenhor Paulo, Rua Cônego Antônio Felipe e Rua Dom Inocêncio.

Figura 14 – Toponímia Dom Inocêncio e Padre Natuzzi

Autor: Autor, março de 2022

Também se encontrou no município alguns equipamentos urbanos que têm seus nomes relacionados ao sagrado, como mostra a figura 11. Em resumo, praças e escolas. Chama atenção a centralidade exercida por esses equipamentos urbanos. As praças Dom Ferrão (1) e São Sebastião, são pontos muito visitados na cidade, principalmente por estarem em áreas que fazem parte da vida cotidiana do campanhense.

A praça Dom Ferrão é uma homenagem ao primeiro Bispo da Diocese da Campanha, aclamado pela população religiosa, foi o responsável pela estruturação da diocese do município. Balbino é um autor que relata a aclamação do povo campanhense para com o bispo Dom Ferrão:

> A relação do bispo com seus conterrâneos sempre foi muito próxima, criando fortes laços de amizade e admiração por parte dos fiéis em relação ao pastor, o que contribuiu para o imaginário popular dos campanhenses em considerar o bispo como pai e protetor de toda a família (BALBINO, 2018, p.140)

A praça nomeada em homenagem ao bispo é a praça central da cidade, local de aglomeração dos cidadãos, é um ponto de constante visita no dia a dia dos cidadãos principalmente aos fins de semana, sendo o local de lazer para uma parcela da população. É o principal local onde acontecem os eventos culturais, como shows, festividades de natal, carnaval, comícios e campanhas públicas, também é onde está localizada a igreja matriz. Ao entorno dessa praça se encontram vários equipamentos urbanos como bancos, museus e escolas, também é lá que estão a maioria das farmácias da cidade, lojas em geral, restaurantes e etc.

Outras toponímias foram encontradas em escolas. Como já foi apresentado anteriormente a igreja teve participação na educação campanhense, através do colégio SION,

do seminário e dos colégios criados pela diocese ou pelas irmãs no século XIX. Muitos desses estão desativados, ainda funcionam o seminário diocesano e o colégio do sagrado coração. Hoje em dia a participação da igreja católica na educação não é mais de forma direta, mas a instituição ainda se mantém sendo representada nas escolas através das toponímias. Assim como no caso da praça Dom Ferrão, algumas escolas públicas do município tiveram seus nomes dados como uma forma de homenagear antigos bispos do municípios, é o caso da Escola Municipal Dom Othon Motta, que presta ensino do nível fundamental I, recebendo crianças de 6 a 10 anos de idade. E a escola Estadual Dom Inocêncio, que presta ensino do nível fundamental II que recebe crianças de 11 a 14 anos de idade.

Figura 15 - Toponímias em escolas do município de Campanha - MG

Fonte: Autor, março de 2022

Também foi encontrado em Campanha duas escolas particulares na qual seus nomes fazem referência a santidades da igreja católica, vale mencionar que são as duas únicas escolas particulares do município que oferecem ensino de todos os níveis, desde a educação infantil até o ensino médio. A primeira é a Escola São João que tem como sede um prédio alugado da diocese e está situada logo em frente ao palácio episcopal. E a segunda o Externato Nossa Senhora de Lourdes que em tempos passados fora um internato para moças órfãs e carentes regido pelas irmãs vicentinas, que atuavam também na Santa Casa da Misericórdia. Com o passar do tempo, o externato se transformou em uma escola para homens e mulheres, que hoje não conta mais com o auxílio das irmãs.

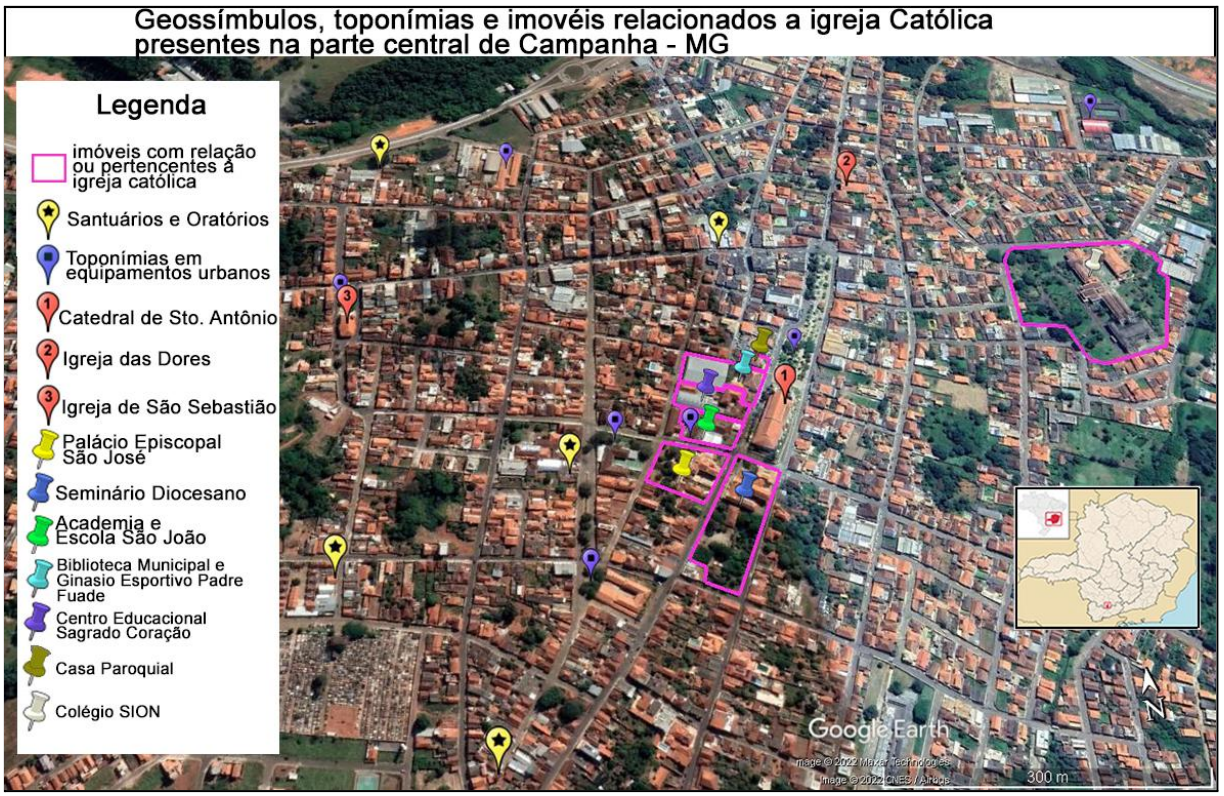
Figura 16 - Externato Nossa Senhora de Lourdes, toponímia.

Fonte: Autor, março de 2022

No referente às toponímias, chama atenção a localização dessas, há um acúmulo dessas toponímias na parte central da cidade, o que nos mostra como o centro urbano do município sofreu e sofre influência da igreja católica no que tange a produção de territorialidades.

4.4 A Centralidade das expressões do poder da igreja católica no território urbano de Campanha - MG:

Figura 17 - Mapa com as representações do poder catolico na parte central da cidade



Fonte: Autor

A figura 17, é uma representação da parte central da cidade de Campanha, e nos mostra como estão localizados próximos a maioria dos imóveis que tem uma relação evidente com a igreja católica. Representa ainda, o número de Igrejas, santuários, oratórios e toponímias que existem nesta região. Entretanto o destaque vai para a disposição dos imóveis relacionados à religião católica, estando em sua maioria alocados nas ruas que circundam a Catedral de Santo Antônio, matriz da cidade, e a praça Dom Ferrão.

Nessas quadras ao entorno temos instalado o Palácio episcopal , representado pelo alfinete amarelo no mapa. Tem-se o seminário Diocesano, marcado pelo seu tamanho, as instalações contam com 3 prédios onde estão a capela, os dormitórios, o centro administrativo e as salas de aula, o terreno ainda conta com quadra de esportes, galpão para eventos e reuniões e muitas áreas verdes, ocupa o equivalente a uma quadra inteira. A igreja ainda conta com outros terrenos, marcado em verde no mapa, dois prédios a qual são alugados, para uma academia e para a Escola São João, citada anteriormente. Logo ao lado, marcado de roxo, está instalado o projeto social atrelado aos Irmãos do Sagrado Coração, um grande terreno que conta com piscina, quadras, salas e o prédio onde se instalam os irmãos.

Figura 18 - Logo ao lado da porta dos irmãos do sagrado coração.

Fonte: Autor, março de 2022

Marcado de azul, ao lado do prédio dos irmãos, está o prédio do antigo museu regional, fundado pelo bispo Dom Inocêncio, e entregue aos seminaristas para que tomassem conta, ao lado do prédio do museu ainda tem-se o prédio da biblioteca municipal e o ginásio esportivo Padre Fuade. Por último temos a casa paroquial, marcada no mapa por um alfinete cor mostarda, de todos os terrenos se configura como o menor, mas ainda sim deve ser valorizado graças a sua localização.

O que mais chama atenção em relação a esses imóveis é o tamanho do espaço que ocupam e a localização onde estão. Como é sabido a área central, principalmente das pequenas cidades, é um lugar de conversão de pessoas, são áreas muito valorizadas, onde o metro quadrado é mais caro. Assim nota-se que esses geosímbolos da igreja católica estão estrategicamente dispostos no território da cidade de Campanha-MG, representando o poder da instituição, uma herança do passado que persiste até os dias de hoje na forma dessas territorialidades.

São essas posses, geossímbolos e toponímias que marcam a centralidade do sagrado no território campanhense, uma estratégia da igreja que permite sempre ser vista por estar bem localizada, que faz o fiel se sentir protegido próximo desses símbolos, o que confere um

grau de atração dos fiéis para essa área da cidade, fornecendo à prefeitura uma possibilidade de atrelar esse fluxo de pessoas interessadas no sagrado, a projetos econômicos e culturais. Da mesma maneira, faz com que pessoas com outras crenças tenham de frequentar o centro da cidade atrás de serviços bancários, serviços comerciais e outros do dia a dia, deixando sempre à vista as imagens do poder da igreja católica. Permitindo que a igreja não precise focar em estratégias de expansão dessas representações para outros bairros mais afastados, tendo em vista a necessidade de interação entre toda a população e o centro da cidade. Esses símbolos sempre estarão em evidência mesmo sendo imóveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades sul mineiras mais antigas têm como característica a igreja configurando o ponto de partida para a produção do espaço urbano. Essa presença do santuário desde os primeiros núcleos de povoamento se constituiu como uma herança do Brasil colônia, e que permanece até os dias de hoje sendo o símbolo central na paisagem de muitas pequenas cidades, como é o caso de Campanha - MG. Nesse sentido, este trabalho buscou fazer uma exposição e análise das representações do poder da igreja católica apostólica Romana, no território urbano do município, dando destaque para as representações que estão fixas no território, mas sem tirar a importância das territorialidades de cunho festivo e periódico já abordadas por Bonassi (2016).

As leituras e análises quanto a formação territorial da Campanha, nos mostram o desenvolvimento de uma elite agropecuária que dependia exclusivamente da mão de obra escrava, e tinha uma forte ligação com assuntos religiosos, não à toa a instalação do colégio SION no município. Poucos desses foram instalados no país, mas a vontade da elite agropecuária de dar uma educação ultraconservadora para suas filhas, combinou de forma certeira com a vontade das irmãs e da igreja católica de ensinar as moças, que no futuro seriam mães e passariam para seus filhos e filhas os preceitos da religião católica. Também fica claro a manifestação de vontade da elite política da época na vinda da diocese para o município, que após muito tentar, conseguiu o desmembramento da diocese de Pouso Alegre, trazendo uma nova unidade diocesana para Campanha, mais uma vez uma combinação de interesses entre a elite e a igreja.

Diversos autores relatam as maneiras como a igreja produz e controla modelos de territórios, podendo ser entendida não somente como uma organização religiosa, mas também como uma instituição política e econômica, que por meio de suas territorialidades tem o poder de organizar, ensinar e agregar pessoas, assim como fornecer serviços rituais. Fica claro ao longo da pesquisa, que nos séculos XVIII, XIX e XX, os assuntos relacionados à igreja eram vistos com desejo pela população, eram também representações da modernidade que se iniciava no Brasil, vindas da transição do rural para o urbano e das influências dos Europeus que chegavam no país. Era motivo de alegria para toda a população quando se erguia na cidade um novo templo, ou eram realizadas festividades relacionadas à religião católica. Não é à toa que ao longo do desenvolvimento da cidade se criaram comunidades internas devotas

de diversos santos, que se territorializaram por meio das festas, dos templos, das toponímias e outros tipos de representações.

Muitas das festividades foram se perdendo com o tempo, mas é possível notar um esforço grande dessas comunidades para não deixar que essas tradições morressem. Hoje, a maioria das festas em comemoração aos padroeiros dos bairros, são organizadas pela comunidade local, como é o exemplo da festa de São Cristóvão e de São Sebastião. As capelas e igrejas vão na mesma linha, muitas foram demolidas com o passar dos anos, mas foram reerguidas por força da população, como é o caso da Igreja do Rosário, Igreja de São Sebastião e a Igreja da Santa Cruz.

Essas heranças do passado, culminaram nas representações do poder do sagrado no território urbano campanhense, a forte relação da igreja com a educação se manifesta hoje através das toponímias nas escolas, que têm em seus nomes homenagens a antigos bispos ou santos. A representatividade vai além, estando também marcada em praças, lugares símbolo do convívio social e do dia a dia do cidadão campanhense, e nas ruas, que têm seus nomes também em homenagem a santos e ou ex-integrantes da ordem católica. Entretanto, o que chama mais atenção é a presença e a quantidade de prédios, toponímias e templos relacionados à igreja na parte central da cidade, mostrando a centralidade exercida pelo sagrado no município.

Em relação aos imóveis presentes no centro da cidade, eles são uma parcela considerável do centro da cidade e muito provavelmente, são efeitos das negociações entre a elite política da época e a igreja, na vinda da diocese para o município. Hoje em dia, pode-se notar, que essa relação entre a igreja e o poder público é mais branda, não havendo toponímias do sagrado em bairros mais novos, nem concessões de terras recentes para a igreja. A relação atual se configura mais como uma tentativa de o poder público explorar o potencial turístico religioso da cidade. Como é o caso do tombamento e promoção da matriz a patrimônio histórico e cultural municipal, e na inauguração do caminho da fé no Morro do Cruzeiro.

Assim, conclui-se que a centralidade das expressões do poder da igreja católica são uma herança histórica, que por intenção ou coincidência estão estrategicamente localizadas na região mais movimentada da cidade, proporcionando a igreja católica extrema visibilidade, fazendo com que a instituição esteja sempre presente no imaginário do campanhense, facilitando a perpetuação da instituição no município.

Surgem algumas questões para o futuro, com o crescimento da população evangélica no Brasil, o mesmo crescimento será notado na cidade de Campanha - MG, apesar da

centralidade exercida pela igreja católica? Já sendo possível notar o aparecimento, com mais frequência, de templos relacionados às religiões evangélicas, ocupando lugares de poder na cidade, as territorialidades e toponímias relacionadas ao catolicismo podem vir a desaparecer com esse crescimento do poder da religião evangélica? Quais os lugares a religião evangélica virá a ocupar no território campanhense, haverá disputa pela centralidade territorial do sagrado exercida pela religião católica no município? Por fim, como se dará a adaptação do poder público quanto ao crescimento da população evangélica, haverá ou já aconteceram ligações com essa vertente religiosa também?

Referências

ANDRADE, Marcos Ferreira. **Elites regionais e a formação do estado brasileiro: Minas Gerais - Campanha da Princesa (1799-1850)**. 2.ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **De arraial a vila: A criação da vila de Campanha da Princesa.** 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. Vivências Urbanas: Festas e Vida Cotidiana na Vila de Campanha da Princesa – Minas Gerais (Século XIX). **Saeculum – Revista de História**, João Pessoa, JUL/DEZ de 2012.

BALBINO, Antônio Gilberto. **A Igreja e a educação feminina no sul de minas (1900-1950): O ultramontanismo e as incursões da modernidade.** 2018. Tese (Doutorado em Educação). Universidade São Francisco, Itatiba, 2018

BONASSI, Igor. **Religião, Poder e Território: A igreja católica no processo de formação de Campanha-MG.** Trabalho de conclusão de curso – Geografia Bacharelado, Universidade Federal de Alfenas. Alfenas. 2018.

BONNEMAISON, Jöel. **Viagem em torno do Território.** In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeni (Org.). Geografia Cultural: um século. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. P. 83-131

CASADEI, Thalita; CASADEI, Antonio. **Aspectos Históricos da cidade da Campanha.** Petrópolis: Gráfica Jornal da Cidade, 1989.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. As Estradas de Ferro do Sul de Minas. **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada.** Juiz de Fora, Vol. 7 Nº 12 Jan-Jun 2012

CHAVES, Edneila Rodrigues. Criação de vilas em Minas Gerais no início do regime monárquico: a região norte**. Varia História**: Belo Horizonte, v. 29, n.51, p. 817-845, set./dez. 2013.

CHUECA, Pascual Riesco. Nombres en el paisaje: la toponimia, fuente de conocimiento y aprecio del territorio. **Cuadernos Geográfico**s, 46, 7–34, jan. 2010.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** 3.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas.** Processos Espaciais e a Cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FAGGION e MISTURINI, 2014 FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. **Linha D'Água**, v. 27, n. 2, p. 141, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2003

GIMÉNEZ, G. Território, cultura e identidades: la región sócio-cultural. In: ROSALES, R. (Org.). **Globalización y regiones en México**. México: UNAM-Fcps-PUEC-Miguel Angel Porrúa, 2000. p. 19-52.

HAESBAERT R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **O mito da desterritorialização.** Niterói: UFF; 2004

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial.** São Paulo: Ed. Unesp, 2006. (Coleção Paradidáticos: Série Poder).

IBGE – **Censos Demográficos do IBGE** (1991, 2000 e 2010). Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial Acesso em: 20/11/2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A Toponímia como signo de representação de uma realidade. Fronteiras: **Revista de História UFMS**, Campo Grande, 1997, p. 27- 46.

MARCOLINO, Rômulo Nascimento. Campanha (1890-1930): **A Princesa do Sul que ser moderna.** 2016. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (UFMG), Belo Horizonte, 2016.

MEDEIROS, Rosa Maria. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, M. A. & SPOSITO, E. S.(org). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MORAES, A. C. R. **Território e história no Brasil.** 3.ed. São Paulo: Editora ANNABLUME, 2008.

MORAIS, Vinicius Vilhena de. **Campanha que conheci e vivi.** Campanha 1988.

PEREIRA, José Carlos. Religião e poder: Os símbolos do poder sagrado. **Revista eletrônica de ciências sociais**. Ano 2, vol. 3, maio de 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993

RODARTE, Marcelo (et all). O urbano precocemente delineado: notas sobre o significado demográfico e econômico do urbano e do rural na Minas Gerais. In: **Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, Belém, Pará, 2007. p.8.

ROSENDAHL, Z. Geografia da Religião: uma proposição temática. GEOUSP, **Espaço e Tempo,** São Paulo, nº 11, p. 9-19, 2002.

ROSENDAHL, Z. Território E Territorialidade: Uma Perspectiva. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, p. 12928–12942, 2005.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma Procissão na Geografia.** Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2018

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Difusão e Territórios Diocesanos no Brasil: 1551-1930**. Scripta Nova**, Barcelona. volume X, n.218, 2006.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **Geographia**, ano 1, n. 1. Universidade Federal Fluminense, 2009.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 73-94.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77- 116.

SPOSITO, Maria Encarnação. **Para pensar as Pequenas e Médias Cidades Brasileiras.** FASE/ICSA/UFPA: Belém, 2009.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. Scripta **Nova, Revista electrônica de geografia y ciencias sociales,** N°93. Barcelona, 2001

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1980.